



Número 218
Julho 2021

APAUTOS DO ANGI

*Duas vocações,
um só coração*

*Flashes
de Fátima*



Conheça a Fé Católica

com os

Arautos do Evangelho

Com uma única assinatura você terá acesso a mais de 20 cursos dinâmicos, 100% online que podem ser acessados de qualquer plataforma, desde sua Smart Tv até o seu aparelho celular!

Cursos Online de

Catequese para Crianças



Acesse já e inscreva-se!

www.reconquista.arautos.org

RECONQUISTA
FORMAÇÃO CATÓLICA

Flashes de Fátima

Boletim da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXIII nº 218 - Julho 2021

Director:

Manuel Silvio de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;
Sílvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. Júlio Dinis, 6 - 4º Dto
1050-131 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal nº 112719/97

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 11.000 exemplares

SUMÁRIO

Escrevem os leitores	4		Conselhos dos maiores gigantes da terra		
Encontros e desencontros (Editorial)	5			34	
	A voz dos Papas – Como um cego à beira do caminho...	6		Amparo dos fracos e esperança dos doentes	36
	Comentário ao Evangelho – Deus sempre nos “multiplica os pães”	8		Arautos no mundo	40
	São José, Patrono da Santa Igreja – “Eu te constituí pai de muitas nações”	16		Aconteceu na Igreja e no mundo	44
	Blas de Lezo: o “Mediohombre”	20		História para crianças... – O preço de um milagre	46
	“Zelo zelatus sum”	26		Os Santos de cada dia	48
	Santa Maria Madalena – Uma alma transformada pelo amor	30		O trono do Rei dos reis	50



Revista Arautos do Evangelho online

Tenha acesso ao conteúdo da revista diretamente de seu celular.

Acesse: revistacatolica.pt



ESCREVEM OS LEITORES



ARTIGO SOBRE ANDRÉ ZIRNHELD

Queria felicitá-los por sua esplêndida Revista e, em particular, pelo artigo do mês de abril sobre o paraquedista francês André Zirnheld. Inspirado nesta história, gostaria de recordar que na Segunda Guerra Mundial os capelães castrenses dos regimentos de paraquedistas americanos também saltavam, como aconteceu na noite anterior ao “Dia D”, na Normandia.

*Josep Ripoll Terrassa
Palma de Maiorca – Espanha*

“DEIXAI VIR A MIM OS PEQUENINOS”...

Lendo um dos artigos da revista *Arautos do Evangelho* de junho, me encantei ao conhecer a verdadeira história do pequeno rei e mártir Luís XVII! Como é possível que uma frágil e inocente criança de oito anos tenha sido capaz de, sozinha, enfrentar tanta crueldade? E, depois de tudo isso, ainda dizer aos que o torturavam, quando lhe perguntaram o que faria se fosse restaurado o reino da França: “Eu vos perdoaria”.

Isto é, sem dúvida, um reflexo das palavras de Nosso Senhor na Cruz: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23, 34). Santo exemplo para nós! “Deixai vir a Mim os pequeninos porque deles é o Reino dos Céus” (Mc 10, 14)!

*Maria Neuma Teixeira de Souto
São Paulo – Brasil*

SAGACIDADE, PRUDÊNCIA E ASTÚCIA

Artigo interessantíssimo, de maio último, por sua excelente exposição didática, à luz de algumas passagens

bíblicas e do Santo Evangelho, acerca dos termos sagacidade, prudência e astúcia, já que, amiúde, o conceito que se tem deles costuma ser pejorativo ou, pelo menos, confuso.

De fato, na vida cotidiana, dizer de alguém que é sagaz, astuto ou prudente, equivale a relacioná-lo com uma pessoa oportunista. Porém, como bem explica o articulista, tudo depende do fim para o qual são usadas estas palavras, e elas devem sempre estar a serviço do louvor e glória de Deus, e do cumprimento de sua Lei. É então que a sagacidade, a astúcia e a prudência se convertem em virtude.

Por outro lado, a definição “a sagacidade é a prudência praticada em alta velocidade” merece figurar numa coletânea de frases para refletir.

*Laura Viton
Via revistacatolica.org*

CUIDADO EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Magnífico o *Editorial* do mês passado: *Inocência e heroísmo da virtude*. Hoje os pais têm que tomar muito cuidado em relação à educação de seus filhos. Nas escolas públicas, e até nas escolas particulares de renome, estão tentando, desde cedo, tirar a inocência dos alunos, principalmente das meninas, com um tal de ensino de ideologia de gênero. Até como matéria de currículo. Uma luta dos pais.

*Pedro Ricciardi
Via revistacatolica.com.br*

“UMA MENSAGEM PROFÉTICA”

As reflexões sobre as profecias de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em suas aparições, nos recordam a existência do Reino de Deus e do inferno. Através da penitência e da conversão, é possível reconduzir nossa vida pelo caminho da justiça e da verdade. Profecias anunciadas: perseguição ao Papa e à Igreja, ca-

tástrofes mundiais, pandemia (COVID-19), etc. É necessária a purificação do mundo, por causa do pecado! Ante tudo isso se abre o caminho da esperança, com a maternal e firme promessa: “Por fim, meu Imaculado Coração triunfará”.

*Milu Ríos Vela
Via revistacatolica.org*

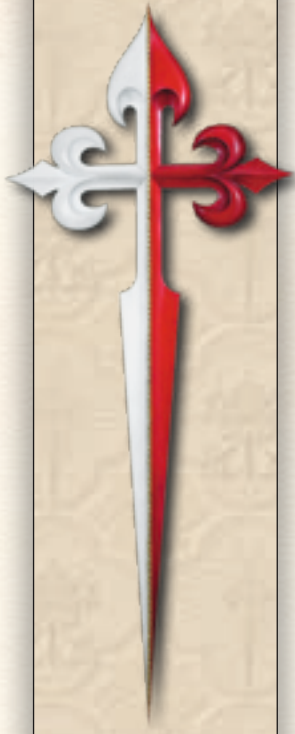
“A MÃE CORREDENTORA”

Encantou-me o artigo *A Mãe Corredentora*, de maio passado. É um tema muito atual e oxalá nossa geração possa presenciar a proclamação do quinto dogma mariano, de Maria Corredentora, Advogada e Mediadora de todas as graças.

É de justiça, à semelhança dos dogmas anteriores, como o da Imaculada Conceição, em que já existia entre teólogos, Papas e Santos a convicção da preservação de Maria Santíssima do pecado original e de toda mancha, muito antes de que fosse proclamado o dogma em 1854. Como bem diz o artigo, a Corredenção vem avalizada pelo Magistério da Igreja e está presente na piedade popular.

Sem o *fiat* de Maria não Se teria encarnado Nosso Senhor Jesus Cristo, cuja natureza humana provém só d’Ela. Pensemos que Maria é Mãe, mas não qualquer mãe: Maria é Mãe de Deus. E é mulher, mas não qualquer mulher: é a Nova Eva. Se pela primeira veio o pecado, por Maria veio o Redentor. Ademais, Maria é Rainha, com poder nos Céus e na terra, e poderia ter impedido as atrocidades que fizeram com seu Filho. Contudo, Ela permitiu e sofreu com Nosso Senhor aos pés da Cruz, e ali o próprio Cristo A nomeou Mãe de toda a humanidade. Maria Corredentora, rogai por nós.

*Jesús María Ferrando Valls
Via revistacatolica.org*



ENCONTROS E DESENCONTROS

A História da salvação pode se resumir em encontros providenciais. Josué, servidor de Moisés desde a juventude (cf. Nm 11, 28), recebeu deste o mandato de introduzir o povo na terra prometida. Elias, no cume de sua vocação, encontrou-se com Eliseu e deixou-lhe como herança o seu duplo espírito (cf. II Rs 2, 9). A missão de João Batista estava tão entrelaçada com a do Divino Mestre, que alguns julgavam tratar-se do próprio Cristo (cf. Lc 3, 15).

Jesus, por sua vez, “andou fazendo o bem” (At 10, 38), não importava o local ou as circunstâncias: poderia ser numa coletoria de impostos, onde chamou o publicano Mateus a abandonar tudo para encontrar o verdadeiro tesouro; junto ao poço de Jacó, onde saciou sua sede com a conquista da alma da samaritana; na calada da noite, como no eloquente diálogo com Nicodemos.

Mais tarde, o encontro de Santo Agostinho com Santo Ambrósio, o de Santa Clara com São Francisco de Assis, ou o de São João da Cruz com Santa Teresa d’Ávila, serviriam de exemplo de como as missões dos homens providenciais se completam e sublimam no encontro, de modo particular na vida dos fundadores. Para os beneditinos, por exemplo, a santificação consiste em larga medida numa relação pessoal com o “Pai Bento”; ou seja, no fundo a santificação é, para eles, uma “bentificação”.

Por outro lado, a existência dos homens e das mulheres providenciais também está repleta de “desencontros”: perseguições por parte de tiranias de todos os séculos, traições impetradas por desafetos e até embates com setores do poder eclesástico, como no caso da infame condenação de Santa Joana d’Arc.

Ora, neste mês se recorda um encontro muito especial para a história dos Arautos do Evangelho e – por que não? – da Igreja. Há exatos sessenta e cinco anos, no dia 7 de julho o jovem João encontrava-se com o seu mestre, modelo e guia, Plínio Corrêa de Oliveira. Já naquele primeiro encontro na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, estavam como que recolhidas as sementes de todos os frutos que mais tarde essa obra produziria. Na realidade, foi precisamente por essa união de corações que nasceram inúmeras iniciativas como, por exemplo, a instituição de um gérmen de vida comunitária, misto de contemplação e ação, ainda nos primórdios da entidade.

Muitos “desencontros” fizeram parte da vida dos dois, à maneira do que aconteceu no passado no seio de outras fundações: incompreensões por parte do poder civil e eclesástico, perseguições internas e externas, traições de toda sorte. Mas tais “desencontros” nunca tiveram e nunca terão qualquer força contra a única e inseparável missão de ambos, por uma razão muito simples: aos homens providenciais foi confiado um papel central na História da Igreja, e “as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16, 18). ✧



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, na época leigo, junto a Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, em setembro de 1982

Foto: Mário Shinoda



Como um cego à beira do caminho...

Quem reconhece as trevas de sua cegueira e compreende que lhe falta a luz da eternidade, deve clamar do fundo de seu coração como o cego de Jericó: “Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!”

Prevendo que sua Paixão lançaria perturbação na alma dos Apóstolos, nosso Redentor lhes predisse com bastante antecedência os sofrimentos pelos quais passaria e a glória da Ressurreição. Assim, vendo-O morrer como anunciara, eles não teriam dúvida de que ressuscitaria.

Contudo, como seus discípulos eram ainda carnis e nada compreendiam do mistério sobre o qual lhes falava, Ele recorreu a um milagre. À vista deles os olhos de um cego se abrem para a luz, para que uma ação celeste confirmasse na fé aqueles que não entendiam as palavras do mistério celeste.

Símbolo do gênero humano, privado da luz pelo pecado

Ora, irmãos caríssimos, é preciso reconhecer nos milagres do Senhor, nosso Salvador, fatos a respeito dos quais devemos crer que se realizaram efetivamente, mas também que, enquanto sinais, nos ensinam algo. Pois, por seu poder, as obras do Senhor dão-nos testemunho de certas verdades, enquanto por seu mistério nos enunciam outras.

Atendo-nos ao sentido literal, observai que ignoramos quem foi o cego do qual nos fala o Evangelho,

mas sabemos o que ele simboliza na ordem do mistério.

Esse cego é o gênero humano: excluído das alegrias do Paraíso na pessoa de seu primeiro pai e privado do esplendor da excelsa luz, ele está sujeito às trevas de sua condenação; mas, reencontrando a luz graças à presença de seu Redentor, ele acaba por divisar as alegrias da luz interior e, desejando-as, entra por suas boas obras no caminho da vida. [...]

Não basta reconhecer a cegueira, é preciso clamar a Jesus

Com razão o Evangelho nos apresenta esse cego sentado à beira do caminho e mendigando, pois a Verdade em pessoa disse: “Eu sou o Caminho” (Jo 14, 6).

Expulso do Paraíso na pessoa de Adão e privado da graça, o gênero humano tornou-se como um cego condenado às trevas

Quem não conhece o fulgor da luz eterna é, pois, um cego; se, todavia, ele começou a crer no Redentor, está sentado à beira do caminho. Se negligencia a oração e deixa de rogar a Deus para recuperar a glória eterna, o cego está de fato sentado à beira do caminho, mas não mendiga; em contrapartida, se ele crê e ao mesmo tempo reconhece que seu coração está cego e pede para recuperar a luz da verdade, neste caso ele está sentado à beira do caminho e mendiga.

Portanto, quem reconhece as trevas de sua cegueira e compreende que lhe falta a luz da eternidade, que ele clame do fundo de seu coração, grite com toda a força, implorando: “Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!” (Lc 18, 38).

Nosso Senhor atende a quem persevera na oração

Mas ouçamos o que aconteceu enquanto o cego gritava: “Os que vinham na frente repreendiam-nos para que se calasse” (Lc 18, 39a). O que simbolizam estes senão a multidão dos desejos carnis e a tempestade dos vícios que, antes da vinda de Jesus a nosso coração, dissipam pelos seus assaltos nossos pensamentos e dificultam os apelos de

nosso coração durante a oração?

Muitas vezes, quando queremos voltar para Deus depois de ter pecado e nos esforçamos para vencer, pela prece, os vícios dos quais nos tornamos culpados, a lembrança de nossos pecados passados oprimem nosso coração, embotam nosso espírito, perturbam nossa alma e abafam a voz de nossa prece. [...]

Escutemos o que fez então esse cego, antes de reencontrar a luz. Prossegue o texto: “Mas ele gritava ainda mais forte: ‘Filho de Davi, tem piedade de mim!’” (Lc 18, 39b). Observai: aquele que a multidão repreendia para fazê-lo calar, grita com mais força; assim, quanto mais nos atormentamos a tempestade dos pensamentos carniais, tanto mais devemos intensificar o fervor de nossas orações.

A multidão quer nos impedir de gritar porque sofreremos até mesmo durante a oração o assédio da lembrança de nossos pecados. Mas se faz necessário que a voz de nosso coração persista com tanto mais força quanto mais dura é a resistência que se lhe opõe, a fim de dominar a procela de nossa imaginação culposa e comover, pelo próprio excesso de nossa importunidade, os ouvidos misericordiosos do Senhor. [...]

Se perseverarmos com insistência na oração, deteremos em nossa alma Jesus que passa, conforme prossegue o Evangelho: “Jesus parou e mandou que lho trouxessem” (Lc 18, 40). [...]

“Senhor, que eu veja!”

Notemos também o que disse Ele ao cego: “Que queres que te faça?” (Lc 18, 41a). Aquele que tinha o



Jesus cura o cego de Jericó - Igreja do Bom Pastor, Jericó (Israel)

Como o cego que gritava mais alto ao ser-lhe mandado calar, nas tentações devemos intensificar o fervor de nossa oração

poder de restituir a vista ignorava, porventura, o desejo do cego? Seguramente, não! Mas Jesus quer que peçamos, embora já saiba o que vamos pedir e Ele vai nos conceder. Exorta-nos a sermos importunos na oração e, entretanto, afirma: “Vosso Pai Celeste sabe o que vos é necessário, antes de pedirdes” (Mt 6, 8).

Se Ele pergunta, é para que Lhe peçamos; se indaga, é para incitar nosso coração a rezar. Por isso, o cego logo acrescenta: “Senhor, que eu veja!” (Lc 18, 41b). Ele não pede ouro ao Senhor, mas sim a luz; não se preocupa em pedir outro bem porque, embora seja possível a um cego possuir qualquer coisa, ele não pode, sem luz, ver o que possui.

Imitemos, pois, caríssimos irmãos, esse homem do qual acabamos de acompanhar a cura do corpo e da alma. Não peçamos ao Senhor nem riquezas enganadoras, nem regalos terrenos, nem efêmeras honrarias. Roguemos-Lhe, isto sim, a luz. Não a luz circunscrita pelo espaço, limitada pelo tempo, interrompida pela noite, vista por nós e pelos animais. Supliquemos aquela luz que somente os Anjos veem conosco e não

tem princípio nem fim.

Ora, o caminho para chegar a essa luz é a fé. Portanto, com toda a razão o Senhor logo responde ao cego ao qual vai conceder a luz: “Vê! A tua fé te salvou” (Lc 18, 42). ✦

Excertos de:
SÃO GREGÓRIO MAGNO.
Homilias sobre os Evangelhos.
Homilia II, pronunciada na Basílica de São Pedro, 19/11/590 –
Tradução: Arautos do Evangelho

Multiplicação dos pães e dos peixes,
por Francisco de Herrera el Viejo
Real Academia de Belas Artes de
São Fernando, Madri



EVANGELHO

Naquele tempo, ¹ Jesus foi para o outro lado do Mar da Galileia, também chamado de Tiberíades. ² Uma grande multidão O seguia, porque via os sinais que Ele operava a favor dos doentes. ³ Jesus subiu ao monte e sentou-Se aí, com seus discípulos. ⁴ Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus. ⁵ Levantando os olhos, e vendo que uma grande multidão estava vindo ao seu encontro, Jesus disse a Filipe: “Onde vamos comprar pão para que eles possam comer?” ⁶ Disse isso para pô-lo à prova, pois Ele mesmo sabia muito bem o que ia fa-

zer. ⁷ Filipe respondeu: “Nem duzentas moedas de prata bastariam para dar um pedaço de pão a cada um”. ⁸ Um dos discípulos, André, o irmão de Simão Pedro, disse: ⁹ “Está aqui um menino com cinco pães de cevada e dois peixes. Mas o que é isso para tanta gente?” ¹⁰ Jesus disse: “Fazei sentar as pessoas”. Havia muita relva naquele lugar, e lá se sentaram, aproximadamente, cinco mil homens. ¹¹ Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os aos que estavam sentados, tanto quanto queriam. E fez o mesmo com os peixes.

¹² Quando todos ficaram satisfeitos, Jesus disse aos discípulos: “Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca!” ¹³ Recolheram os pedaços e encheram doze cestos com as sobras dos cinco pães, deixadas pelos que haviam comido. ¹⁴ Vendo o sinal que Jesus tinha realizado, aqueles homens exclamavam: “Este é verdadeiramente o Profeta, Aquele que deve vir ao mundo”. ¹⁵ Mas, quando notou que estavam querendo levá-Lo para proclamá-Lo rei, Jesus retirou-Se de novo, sozinho, para o monte (Jo 6, 1-15).

Deus sempre nos “multiplica os pães”

Nestes conturbados dias, a cena da multiplicação dos pães nos recorda uma verdade sempre atual: basta entregarmos a Deus o que temos de melhor, e o resto Ele fará, superando todas as nossas expectativas.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – DEUS SE PREOCUPA COM SEUS FILHOS

A celebração do 17º Domingo do Tempo Comum nos convida a passear por um belíssimo panorama, cujo ápice é a cena da multiplicação dos pães, narrada por São João.

Em perfeito alinhamento com essa passagem estão os demais textos da parte móvel da Liturgia e a própria Oração do Dia, a qual sintetiza o empenho da Santa Igreja em incrementar nossa confiança na Providência, suplicando: “Ó Deus, sois o amparo dos que em Vós esperam e, sem vosso auxílio, ninguém é forte, ninguém é santo; redobrai de amor para conosco, para que, conduzidos por Vós, usemos de tal modo os bens que passam, que possamos abraçar os que não passam”.¹ Com efeito, o carinho infinito do Pai Celeste não somente provê as necessidades temporais de seus filhos como também multiplica os dons espirituais e faz as almas crescerem no fervor, na piedade e na disposição de obedecer à sua vontade.

A primeira leitura (II Rs 4, 42-44), extraída do Segundo Livro dos Reis, oferece à nossa consideração um episódio prefigurativo do milagre descrito no Evangelho. Com apenas vinte pães, o Profeta Eliseu alimenta cem pessoas, reportan-

do-se às palavras do Senhor: “Comerão e ainda sobrará” (4, 43). O Salmo Responsorial ressalta essa bondade do Altíssimo em saciar “todo ser vivo com fartura” (Sl 144, 16), nunca desamparando os filhos que n’Ele esperam e O invocam lealmente.

Já São Paulo, no trecho da Carta aos Efésios recolhido pela segunda leitura (Ef 4, 1-6), lembra a união existente entre os membros do Corpo Místico de Cristo e nos exorta a guardar “a unidade do espírito pelo vínculo da paz” (4, 3). Ora, a paz é a tranquilidade da ordem, conforme define Santo Agostinho,² e a ordem só existirá se vivermos na completa dependência d’Aquele que nos criou, nos redimiu e nos sustenta a cada passo, dispensando-nos graças em profusão. Quem se destaca d’Ele entra em desordem, perde a humildade e a mansidão, e torna-se incapaz de suportar “os outros com paciência, no amor” (4, 2).

No contexto da Liturgia de hoje, entretanto, a principal mensagem da epístola se encontra nos últimos versículos, em que o Apóstolo ressalta haver “um só Senhor, uma só Fé, um só Batismo” (4, 5), em função do qual há “um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, age por meio de

O carinho infinito do Pai Celeste não somente provê as necessidades temporais de seus filhos como também multiplica os dons espirituais e faz as almas crescerem no fervor

*A ordem só
existirá se
vivermos
na completa
dependência
d'Aquele que
nos criou,
nos redimiu e
nos sustenta
a cada passo,
dispensando-
nos graças
em profusão*

todos e permanece em todos” (4, 6). Nosso Senhor Jesus Cristo considera como um só corpo todos os que O procuram com sinceridade, dóceis ao princípio dado por Ele mesmo: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6, 33). E sobre estes derrama um amor especial, concedendo-lhes o resto por acréscimo.

A prodigalidade inesgotável de um Deus que Se preocupa em resolver até os nossos problemas mais corriqueiros transparece de modo maravilhoso no relato do Discípulo Amado, estimulando-nos a assumir uma atitude de completo abandono em relação a Ele.

II – O MILAGRE MARCA PARA SEMPRE AQUELES QUE O TESTEMUNHAM

Se pudéssemos contemplar o dia a dia de São João Evangelista no decorrer dos quinze anos de privacidade com Nossa Senhora, após a Morte e Ressurreição de Jesus, certamente nos encantariamos por ver Mãe e filho entretidos em abençoados colóquios, ao longo dos quais Ela lhe en-

sinava sublimes verdades e, ao mesmo tempo, transmitia a seu interlocutor as filigranas da arte da conversa.

O Apóstolo Virgem deve ter aprendido na perfeição essa habilidade e, sem dúvida, tornou-se um homem bastante afeito a ela, a ponto de compor boa parte do seu Evangelho à base de conversas. Logo no capítulo inicial, ele registra o testemunho de João Batista e o encontro do Divino Mestre com os primeiros discípulos centrando ambos os fatos em diálogos (cf. Jo 1, 19-51); de maneira semelhante discorre sobre as bodas de Caná (cf. Jo 2, 1-11), a visita de Nicodemos a Jesus (cf. Jo 3, 1-21), a conversão da samaritana (cf. Jo 4, 1-42), etc. Ao abordar a multiplicação dos pães, único milagre narrado pelos quatro Evangelistas, descreve-o também desse modo peculiar, pintando a cena com cores vivas e até pitorescas.

Além de obedecer a uma sequência cronológica, teve ele uma intenção lógica ao colocar esse fato como abertura do seu sexto capítulo, cuja temática se desenvolve em torno da Eucaristia.

O povo vai à procura de Jesus

Naquele tempo, ¹ Jesus foi para o outro lado do Mar da Galileia, também chamado de Tiberíades. ² Uma grande multidão O seguia, porque via os sinais que Ele operava a favor dos doentes.

Pelos relatos de São Marcos e São Lucas, sabemos que os Apóstolos tinham acabado de regressar de uma missão nas aldeias da Galileia, às quais o Mestre os enviara “a pregar o Reino de Deus e a curar os enfermos” (Lc 9, 2). Voltando para junto de Jesus, em Cafarnaum, os Doze “contaram-Lhe tudo o que haviam feito e ensinado” (Mc 6, 30). Nosso Senhor quis então proporcionar-lhes alguns dias de descanso, e com eles partiu “na barca para um lugar solitário” (Mc 6, 32). Entretanto, muitas pessoas dentre o povo se deram conta disso “e de todas as cidades acorreram a pé para o lugar aonde se dirigiam, e chegaram primeiro que eles” (Mc 6, 33).

A razão pela qual a multidão se moveu em busca do Redentor é indicada com clareza por São João: a restituição da saúde aos doentes.



Thiago Tamura

Jesus cura o cego de nascença
Catedral São Francisco Xavier,
Green Bay (EUA)

Com efeito, Jesus sempre atendia aos que d'Ele se aproximavam com fé, pedindo-Lhe a cura. Sendo o Divino Médico, sequer levava em consideração se a moléstia era grave, rara, contagiosa ou de causa desconhecida, e sarava a todos com apenas um olhar, uma imposição de mãos, um simples desejo. Às vezes, bastava o necessitado tocar-Lhe a orla do manto para ficar instantaneamente são! Como é natural, isso causava forte impressão naquela gente, sobretudo porque tais milagres comprovavam ser Ele um profeta, a cujas palavras se devia dar crédito.

Nosso Senhor vê ao longe a multidão

³ Jesus subiu ao monte e sentou-Se aí, com seus discípulos. ⁴ Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus. ^{5a} Levantando os olhos, e vendo que uma grande multidão estava vindo ao seu encontro,...

A cena é em extremo atraente: Nosso Senhor no alto do monte, decerto sentado num ponto mais elevado, ensinando maravilhas inéditas, e os discípulos acomodados na relva em torno d'Ele, ouvindo cheios de encanto.

O Mestre os fitava enquanto falava. Em certo momento, Ele ergueu o olhar acima da cabeça de seus ouvintes e divisou ao longe a turba que avançava. Quanta beleza encerra este pormenor: o Homem-Deus levanta os olhos e pela primeira vez contempla com suas vistas carnavais aquela multidão por Ele conhecida desde toda a eternidade!

A referência à festa da Páscoa, no versículo 4, permite-nos calcular quão variado e volumoso era o contingente de judeus que caminhara desde Cafarnaum à procura de Nosso Senhor. Nessa época do ano tal cidade tornava-se o ponto de encontro dos peregrinos vindos do norte da Palestina, os quais ali se aglutinavam em caravanas a fim de rumar para Jerusalém. Portanto, o multitudinário cortejo compunha-se em boa parte de viajantes, inexperientes quanto às distâncias e às provisões necessárias para os deslocamentos na região.

Uma situação propícia para estimular a fé

^{5b} ...Jesus disse a Filipe: “Onde vamos comprar pão para que eles possam comer?” ⁶ Disse isso para pô-lo à prova, pois Ele mesmo sabia muito bem o que

ia fazer. ⁷ Filipe respondeu: “Nem duzentas moedas de prata bastariam para dar um pedaço de pão a cada um”.

Conforme narram os outros três Evangelistas, Nosso Senhor recebeu a multidão compadecido, pois aqueles homens se assemelhavam a “ovelhas que não têm pastor” (Mc 6, 34), e pôs-Se a pregar-lhes sobre o Reino de Deus e a curar os doentes (cf. Lc 9, 11). Sem dúvida, várias horas se escoaram enquanto todos, maravilhados, acompanhavam suas palavras e seus gestos, num clima sobrenatural tão intenso que ninguém se importou com a fome ou o cansaço.

Somente quando o dia começou a declinar os discípulos recomendaram a Jesus que despedisse o povo, a fim de que se dispersasse pelas aldeias das redondezas para comprar víveres (cf. Mt 14, 15). Ele, porém, lhes respondeu: “Não é necessário: dai-lhe vós mesmos de comer” (Mt 14, 16). E foi então que, voltando-Se para Filipe, apresentou-lhe a questão, como se dissesse: “E agora, como vamos resolver essa situação?”

Como o próprio São João observa, Nosso Senhor “sabia muito bem o que ia fazer”. De fato, além de possuir o conhecimento divino, por ser a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, a Alma de Jesus sempre esteve na visão beatífica e, portanto, desde o primeiro instante de sua concepção no seio virginal de Maria, Ele contemplava em Deus todos os acontecimentos.

Assim, ao indagar Filipe, o Redentor não pretendia obter a indicação concreta de um local onde se vendessem pães aos milhares, mas sim alargar os horizontes do Apóstolo, estimulando-o a crescer na fé. Ante a evidente impossibilidade de remediar o caso pelos meios comuns e correntes, ele deveria ter dito: “Mestre, não há solução humana; contudo, estamos em vossas mãos. Vós sois Senhor dos que têm fome e Senhor dos alimentos. Se quiserdes, podeis saciar essa multidão”.

Entretanto, Filipe não passou bem pela prova. Sua resposta ao Mestre foi, no fundo, um desaforo: “Senhor, por favor, nem levanteis o problema! Mandai essa gente embora, e depressa, porque do contrário desmaiarão aqui mesmo!...”

Quando o Evangelista escreveu o fato, cerca de sessenta anos depois, certamente deliciouse em lembrar a cena e, ao terminar de redigir estes versículos, quiçá tenha pensado consigo mesmo, sorrindo: “Pobre Filipe!”

Nosso Senhor recebeu a multidão compadecido, pois aqueles homens se assemelhavam a “ovelhas que não têm pastor”

Ao indagar Filipe, o Redentor não pretendia obter a indicação concreta de um local onde se vendessem pães aos milhares, mas sim alargar os horizontes do Apóstolo, estimulando-o a crescer na fé



Multiplicação dos pães e dos peixes – Paróquia Santo Osvaldo, Sankt Oswald bei Freistadt (Áustria)

Deus quer a nossa colaboração

⁸ Um dos discípulos, André, o irmão de Simão Pedro, disse: ⁹ “Está aqui um menino com cinco pães de cevada e dois peixes. Mas o que é isso para tanta gente?”

Sem dúvida, os demais Apóstolos acompanhavam a troca de palavras entre Jesus e Filipe, e alguns deles já tinham averiguado se no meio da turba havia vendedores de alimento. O único encontrado fora um menino que oferecia pão de cevada, inferior ao pão de trigo e em geral consumido pelos pobres, e peixes, por certo salgados e dessecados segundo o costume local. Podemos imaginá-lo carregando a mercadoria numa pequena cesta com dois compartimentos, e anunciando em voz alta o bom preço, até o momento em que André o chamou e inquiriu quantos pães e peixes trazia consigo. Ao constatar a reduzida quantidade disponível, irrisória para os milhares de necessitados, o Apóstolo intervém na conversa, transmitindo os dados recolhidos e reforçando a posição de Filipe.

Ora, Nosso Senhor quis proceder dessa maneira, despertando nos Doze a preocupação com o sustento do povo, a fim de lhes deixar patente

a origem miraculosa do exorbitante número de pães que em breve eles mesmos distribuiriam. Do contrário, talvez nem se dariam conta e, como é natural, logo começariam a circular explicações descabidas a respeito da procedência do alimento, quiçá atribuindo o engenho a um espetacular padeiro da região.

Cabe ainda notar que Jesus não precisava desses cinco pães, nem dos dois peixes, pois bastava a sua vontade para realizar qualquer portentoso. Entretanto, Deus deseja agir com a colaboração do homem. Sempre que houver algo ao nosso alcance, devemos dar, confiantes de que o mais Ele providenciará.

Divina cortesia

¹⁰ Jesus disse: “Fazei sentar as pessoas”. Havia muita relva naquele lugar, e lá se sentaram, aproximadamente, cinco mil homens.

Sobressaem neste versículo a extraordinária gentileza e o senso de ordem de Nosso Senhor, a cujo exemplo se desenvolveria, mais tarde, a cortesia no trato social, atingindo sucessivos auges na Idade Média e no *Ancien Régime*. Ele poderia ter alimentado aquela gente às pressas, tanto mais que já estava entardecendo. Mas fez tudo com calma, como num cerimonial, sem nenhuma febricitação ou correria. Por isso, mandou todos se sentarem “em grupos de cem e de cinquenta” (Mc 6, 40).

No tocante ao número de convivas, é importante ressaltar um detalhe registrado apenas por São Mateus: havia cinco mil homens, “sem contar as mulheres e crianças” (14, 21). Se consideramos que cada varão devia estar acompanhado de sua respectiva família, e que naquele tempo a prole costumava ser grande, não parece exagerado calcularmos um aglomerado de pelo menos trinta mil pessoas.

Jesus dá graças pelo alimento

¹¹ Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os aos que estavam sentados, tanto quanto queriam. E fez o mesmo com os peixes.

Modelo de cortesia no relacionamento social, Jesus o é também, e sobretudo, no trato com o Altíssimo. Em sua natureza humana, Ele manifesta gratidão ao Pai por ter feito chegar às suas

mãos aqueles cinco pães e dois peixes, ensinando-nos, com esse gesto, ser indispensável sempre expressarmos o nosso reconhecimento por tudo quanto de Deus recebemos.

Eis uma lição fundamental para a harmonia da vida em família, e condição para nunca faltar o alimento: dar graças a Deus a cada refeição. A oração em tal circunstância nos coloca numa postura de desprendimento em relação aos esforços empregados para obter a subsistência, lembrando a nossa inteira dependência do Senhor.

Não é difícil imaginarmos o contentamento daqueles que, sentados na relva, foram objeto do desvelo de Nosso Senhor. Com a ajuda dos discípulos (cf. Mt 14, 19), Ele mesmo Se pôs a servir, entregando aos comensais “tanto quanto queriam”. Portanto, a quantidade de pães e peixes superava inclusive às necessidades do apetite do momento, sendo plausível pensar que muitas pessoas tenham levado para casa mais do que comeram ali.

Vale a pena considerarmos que Jesus poderia multiplicar frutas, carne ou ovos, mas preferiu pão e peixe por serem alimentos simbólicos. O primeiro, porque já apontava para a Eucaristia; o segundo, por representar o apostolado da Igreja, conforme Ele prometera aos Apóstolos: “Eu vos farei pescadores de homens” (Mc 1, 17).

O Redentor não quer que ninguém se perca

¹² Quando todos ficaram satisfeitos, Jesus disse aos discípulos: “Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca!”

¹³ Recolheram os pedaços e encheram doze cestos com as sobras dos cinco pães, deixadas pelos que haviam comido.

Longe de indicar um princípio comezinho de limpeza, boa educação ou preservação ambiental, essa ordem do Divino Redentor obedecia a razões muitíssimo elevadas.

Uma delas, ensina São Tomás,³ consistia em fornecer aos discípulos uma comprovação da realidade do milagre, e por isso sobraram exatamente doze cestos, a fim de que cada Apóstolo fosse obrigado a carregar um. Outro motivo era mostrar seu empenho em relação àqueles que não são “resto”, mas seus semelhantes, ou seja, cada um de nós. Nosso Senhor quer salvar todos os homens, mas somente consegue recolher junto a Si aqueles que não põem obstáculos à sua ação.

São João menciona apenas “as sobras dos cinco pães”, omitindo os peixes. Vários autores concordam que, embora a Eucaristia não tenha sido instituída ali, o Evangelista quis assinalar o cuidado e veneração devidos aos fragmentos de Hóstias consagradas, nos quais Jesus está presente em Corpo, Sangue, Alma e Divindade mesmo quando terminada a celebração, e que, por isso, não podem ser descartados.

Quem visse aquelas pessoas tão entusiasmadas julgaria que, a partir de então, todas acatariam os ensinamentos de Jesus. Não foi, porém, o que aconteceu



Francisco Lecaros

Multiplicação dos pães e dos peixes – Biblioteca do Mosteiro de Yuso, San Millán de la Cogolla (Espanha)

A solução para todos os problemas sociais, políticos, financeiros, morais e inclusive epidêmicos está em voltar à vida cristã, à vida dos Sacramentos, à vida de piedade

Eles reconheceram o Profeta...

¹⁴ Vendo o sinal que Jesus tinha realizado, aqueles homens exclamavam: “Este é verdadeiramente o Profeta, Aquele que deve vir ao mundo”.

Naquela época, um profeta só gozava de credibilidade junto ao povo se atestasse a veracidade de suas palavras realizando um milagre. Por isso São João emprega a palavra “sinal”, mostrando que, nesse prodígio, Nosso Senhor oferecia àqueles judeus uma garantia: “Eu multipliquei os pães e os peixes para que acrediteis em Mim”.

Deslumbrada com o alimento distribuído por Jesus – eram os mais deliciosos pães da História! –, a multidão reconheceu n’Ele o Messias, o Salvador esperado, e se pôs a aclamá-Lo.

Quem visse aquelas pessoas tão entusiasmadas julgaria que, a partir de então, todas acatariam os ensinamentos de Jesus e passariam a agir em consequência. Não foi, porém, o que aconteceu.

...mas não quiseram entregar-se a Ele

¹⁵ Mas, quando notou que estavam querendo levá-Lo para proclamá-Lo rei, Jesus retirou-Se de novo, sozinho, para o monte.

Jesus Cristo é Rei, e sob certo aspecto o povo não errou em tentar proclamá-Lo como tal. Portanto, o que levou Nosso Senhor a esquivar-Se não foi, como supõem alguns, uma humildade mal concebida pela qual se deve rejeitar qualquer honraria ou louvor merecido, e sim o estado de espírito daqueles judeus. Almejavam elevar o Redentor ao trono e estabelecer com Ele relações distantes, como as existentes entre um monarca e seus súditos, sem se comprometerem a amá-Lo e obedecer-Lhe em tudo. Enquanto soberano, Ele promulga-



Multiplicação dos pães e dos peixes – Igreja de São Gordiano e Santo Epímaco, Merazhofen (Alemanha)

Andreas Praefcke

ria umas tantas leis, criaria impostos e governaria Israel, mas não interferiria diretamente na vida de ninguém.

Se, pelo contrário, a multidão exclamasse “Este é verdadeiramente nosso Deus e Criador, o Senhor nosso! Entreguemo-nos por inteiro a Ele!”, Jesus não teria Se apartado dali.

Aqueles milhares de homens, mulheres e crianças ficaram marcados pelo resto da vida por esse milagre do Divino Mestre. Provavelmente alguns o rejeitaram a ponto de, quando Ele Se encontrava diante do pretório de Pilatos, levantarem a voz para gritar: “Crucifica-O! Crucifica-O!” (Jo 19, 6). Contudo, depois de vê-Lo pregado no madeiro, talvez tenham descido do Calvário batendo no peito e chorando, e se lembrado daquele sinal que lhes mostrara com tanta clareza a vontade de Deus e que eles haviam recusado.



Tiago K. Galvão

Nossa Senhora do Bom Conselho – Santuário de Nossa Senhora do Bom Conselho, Genazzano (Itália)

III – A SOLUÇÃO PARA TODOS OS NOSSOS PROBLEMAS

No Evangelho de hoje, contemplamos Nosso Senhor Jesus Cristo como fonte da verdadeira harmonia entre os homens, do bom trato, do empenho de fazer bem aos outros. Ele Se desdobra em carinho por todos e cada um de nós e nos convida a imitá-Lo, a preocuparmo-nos com os nossos irmãos assim como Ele Se preocupa conosco.

Devemos ser pregadores da verdade, nunca perdendo uma oportunidade de levar as pessoas a aproveitarem o tesouro trazido por Nosso Senhor à terra: a graça. Sob os influxos desta, no passado a humanidade alcançou requintes de perfeição; hoje, em meio a um terrível deserto espiritual, cabe a nós trabalharmos a fim de que ela retorne à casa paterna, a Santa Igreja, que nunca deixa de multiplicar os pães e os peixes necessários para a subsistência das almas de seus filhos.

A solução para todos os problemas sociais, políticos, financeiros, morais e inclusive epidê-

micos está em voltar à vida cristã, à vida dos Sacramentos, à vida de piedade, à vida em que Nosso Senhor Jesus Cristo seja a nossa Vida. Aí, sim, tudo se resolverá!

Lembremo-nos de que Deus entregou sua onipotência nas mãos de Nossa Senhora, dando-nos a alegria de poder contar com uma intervenção materna a nosso favor. Se estamos com Ela, não nos faltará nada, nem pão, nem peixe; sobretudo, jamais nos faltará Jesus. ✧

*Se estamos
com Nossa
Senhora, não
nos faltará
nada, nem
pão, nem
peixe;
sobretudo,
jamais
nos faltará
Jesus*

¹ XVII DOMINGO DO TEMPO COMUM. Oração do Dia. In: MISSAL ROMANO. Tradução portuguesa da 2ª edição típica para o Brasil realizada e publicada pela CNBB com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. 10.ed. São Paulo: Paulus, 2006, p.361.

² Cf. SANTO AGOSTINHO. De Civitate Dei. L.XIX, c.13, n.1. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1958, v.XVII, p.1398.

³ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Super Ioannem*, c.VI, lect.1.

“Eu te constituí pai de muitas nações”

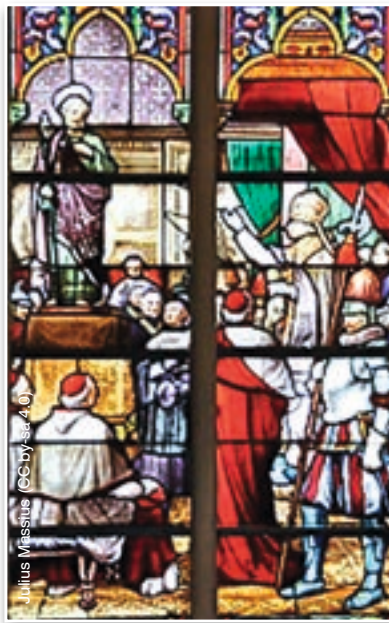
Há cento e cinquenta anos, Pio IX confirmava o patrocínio de São José sobre a Igreja. À luz dos textos recolhidos pela Liturgia em honra do Santo Patriarca, consideremos os ensinamentos teológicos contidos nesse seu título.



Daniel Vinicius Almeida da Paixão

Pai, um vocábulo tão curto e, no entanto, expressão de tanta honra. Com frequência, é das primeiras palavras que se ouvem dos lábios de uma criança; não raramente, uma das últimas que o homem pronuncia antes de deixar a vida terrena, como, aliás, fez o próprio Homem-Deus: “Jesus deu então um grande brado e disse: ‘Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito’. E, dizendo isso, expirou” (Lc 23, 46).

Se isso não bastasse para designar o valor deste termo, poder-se-ia ainda acrescentar o pormenor linguístico de ser ele raiz de muitas outras palavras, não menos importantes: aos bens de uma família ou instituição, dá-se o nome de *patrimônio*; à terra por cuja honra e defesa os homens entregam a vida, chama-se *pátria*; de um modelo a ser imitado, diz-se *padrão*; ao varão que assume a guarda espiritual de um recém-batizado, de um crismado ou, em outros tempos, de um cavaleiro, confere-se o título de *padrinho*; por fim, aquele a cujo auxílio se recorre, invoca-se como *patrono*.



Julius Meisinger © CC BY-SA 4.0

São José é declarado Patrono da Igreja Universal - Igreja de São Nicolau, Wasquehal (França)

O “pai protetor”

Que relação tem, pois, a figura do patrono com a do pai?

O conceito de *patrono* apresenta-se sucintamente como “o Santo do qual se tem o nome; ou sob cuja invocação é de-

dicada uma igreja; ou a quem um país, uma cidade, uma confraria ou uma comunidade reclama como seu protetor”.¹ Vê-se bem pela definição que sua pessoa desponta como a de um pai protetor, ao qual nos vinculamos e em quem depositamos nossa confiança.

Sem dúvida, é honorífico para um Santo ter diversas almas que acorrem às águas do Batismo sob a proteção de seu nome, ou o tomam ao entregar-se à vida consagrada. Talvez ainda mais insigne seja um padroeiro a quem se confia uma comunidade religiosa ou uma diocese, uma cidade inteira ou um país.

Ora, o que dizer de alguém que todos os fiéis invocam como Patrono da Santa Igreja Católica? Jamais um homem poderia ostentar um título de tal grandeza... a não ser aquele que, nesta terra, foi chamado por Deus de “meu pai”!

A Santa Igreja clama por seu pai

O presente ano de 2021 está dedicado à veneração do Glorioso Patriarca São José, em comemoração dos cento e cinquenta anos transcorridos



Celebração Eucarística na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)
Em destaque, São José - coleção particular

desde que o Santo Padre Pio IX declarou-o Patrono da Igreja Católica. Os quase trinta e dois anos de governo desse Pontífice ainda hoje marcam a História em virtude dos fatos que nele se deram, tanto na esfera política quanto eclesástica. Não nos deteremos em narrá-los, nem sequer enumerá-los todos, mas quiçá a simples recordação de acontecimentos como o Concílio Vaticano I, a proclamação dos dogmas da Imaculada Conceição e da infalibilidade pontifícia, as guerras e revoluções liberais e a perda dos Estados Pontifícios, exemplifique a tremenda conjunção de eventos, ora gloriosos, ora trágicos, que a Igreja e toda a sociedade viveram naquela segunda metade do século XIX.

Nesse contexto, entende-se como os católicos não puderam deixar de reconhecer que a Barca de Pedro, rumando para século XX – tão mencionado em diversas profecias dos séculos precedentes –, punha-se a singrar um mar tempestuoso e que se fazia indispensável confiá-la a um singular patrocínio, talvez nunca antes tão necessário.

Foi assim que, no fim do ano de 1870, a Sagrada Congregação dos Ritos respondeu à clamorosa súplica do povo fiel:

“Visto que nestes tristíssimos tempos, a mesma Igreja é atacada

*A Barca de
Pedro punha-se a
singrar um mar
tempestuoso e se
fazia indispensável
confiá-la a um
singular patrocínio*

em toda parte por seus inimigos e se vê oprimida por tão grandes calamidades que os ímpios parecem fazer prevalecer sobre ela as portas do inferno, os veneráveis Bispos de todo o orbe católico, em nome próprio e dos fiéis a eles confiados, elevaram suas preces ao Sumo Pontífice, para que se dignasse constituir São José

Patrono da Igreja Católica. E, ao se renovarem com mais força essas petições e votos durante o Santo Concílio Ecumênico Vaticano, nosso Santíssimo Papa Pio IX, comovido pela lamentável situação destes tempos, para pôr a si mesmo e a todos os fiéis sob o poderosíssimo patrocínio do Santo Patriarca José, quis atender aos desejos dos Bispos e solenemente o declarou Patrono da Igreja Católica”²

O referido decreto, intitulado *Quemadmodum Deus* e datado de 8 de dezembro de 1870, foi ratificado pelo Romano Pontífice a 7 de julho de 1871, através da Carta Apostólica *Inclytum Patriarcha*, motivo pelo qual o presente mês de julho é especialmente apropriado à veneração de nosso incomparável patrono.

Contudo, uma pergunta surge inevitavelmente: em que se fundamenta a atribuição desse nome ao esposo de Maria Santíssima? Terá sido uma decisão arbitrária do Sumo Pontífice ou, quiçá, uma reação espontânea dos católicos acossados pela perseguição? Não só pareceria irreveren-

te afirmar isto, como seria blasfemo desprezar a fulgurante ação do Espírito Santo em tal fato histórico e, sobretudo, a profunda Teologia contida por trás desse título.

Em realidade, não seria descabido que naquela circunstância o Santo Padre confiasse a grei de Cristo a São Miguel, o Príncipe dos Exércitos Celestes; ou a São Pedro e São Paulo, as colunas da Igreja Romana; ou a São João Batista, do qual o Salvador afirmou não haver homem maior entre os nascidos de mulher (cf. Lc 7, 28). A Igreja conta e sempre contou com estes e muitos outros padroeiros. Entretanto, como outrora o seu Divino Fundador, perseguido por Herodes e fugitivo no Egito, ela precisa nesta difícil quadra histórica do auxílio de seu pai.

Donde adentramos na questão teológica: como explicar a paternidade de São José em relação à Santa Igreja?

O novo Abraão: verdadeiro pai do Homem-Deus

Inútil seria explicar o mistério desta paternidade sem considerar que ela não está atada aos laços do sangue, como a primeira ideia de “pai” nos sugere. Em São José, este termo assume outra clave.

Entre as passagens bíblicas apresentadas pela Liturgia para a Solenidade do Glorioso Patriarca, no dia 19 de março, encontra-se um trecho da Epístola de São Paulo aos Romanos, que chama a atenção do fiel pelo curioso pormenor de não apresentar, à primeira vista, uma relação com o Santo a quem se dedica a celebração: o Apóstolo disserta sobre a figura de Abraão!

“Não foi em virtude da Lei que a promessa de herdar o mundo foi feita a Abraão ou à sua posteridade, mas em virtude da justiça da fé. Logo, é pela fé que alguém se torna herdeiro; portanto, gratuitamente. [...] E a promessa é assegurada a toda a posteridade de Abraão, não somente aos que procedem da Lei, mas também

aos que possuem a fé de Abraão, que é pai de todos nós” (Rm 4, 13.16).

A realidade é que tal texto encerra uma profunda e misteriosa relação, pela qual a Liturgia da Santa Igreja assume o patriarca do povo eleito como pré-figura do Patriarca da Nova Aliança. Já no século XII, esta analogia entre os dois grandes varões da fé fora apontada pelo beneditino Rupert, abade do mosteiro de Deutz: “Entre todos aos quais se fez a promessa da Encarnação, o primeiro foi Abraão, e o último, José. [...] A genealogia do Salvador não conduz a Maria, o que estaria de acordo com o fato de ser Ela quem Lhe dá nascimento na carne; mas, conforme a um

*Assim como a
maternidade
espiritual de Maria,
a paternidade de
São José se prolonga
de forma mística
por toda a Igreja*

parentesco divino, conduz a José que – embora não sendo pai de Cristo pela carne, mas sim pela fé – era o último herdeiro da mencionada promessa”.³

Assim sendo, não é de estranhar que a Santa Liturgia traga à luz a figura de Abraão na comemoração de São José pois, em ambos, a Aliança de Deus com o varão eleito ultrapassa os laços da Lei e se põe no plano da graça. É o que comenta Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, a propósito do mesmo trecho paulino: “A paternidade de uma descendência não pode estar baseada na consanguinidade, mas, sim, em algum fundamento divino que a torne eterna, ou seja, na graça. [...] Existe, portanto, um nível superior ao natural, ao humano, uma família constituída pela fé

e não pelo sangue. [...] Em São José, por ser descendente de Davi, se cumprem todas as promessas da Aliança. Ele é pai de Jesus pela fé herdada de Abraão e por ele levada à perfeição. O vínculo existente entre ele e o Redentor é uma relação de fé”.⁴

Não faltou na História da Igreja quem, negando-se a aceitar uma paternidade isenta do vínculo carnal, inventasse teorias que lesavam o modo divino com que foi concebido o Messias, e até mesmo a virgindade da Mãe de Deus e de seu esposo imaculado. A Teologia, porém, nos ensina que a paternidade de São José para com o Divino Salvador foi nova, única e singular, de ordem superior à paternidade natural ou adotiva do comum dos homens.⁵ E a castidade sobre a qual está ela edificada, não só a faz mais pura, como inclusive mais autêntica, segundo a sentença de Santo Agostinho: “*Maior puritas confirmet paternitatem. [...] Quia tanto firmitus pater, quanto castius pater* – Sua maior pureza confirme sua paternidade. [...] Pois tão mais seguramente é pai, quanto mais castamente é pai”.⁶

“Nosso pai, diante d’Aquele em quem acreditou”

Entendido como o Glorioso Patriarca é, de fato, pai virginal de Jesus, sua relação para com a Santa Igreja decorre como uma consequência: “Assim como a maternidade espiritual de Maria em relação a todos os homens não é senão o complemento e prolongamento da maternidade natural de Jesus, assim a paternidade de São José, que ele exerceu naturalmente em relação a Cristo, prolonga-se de forma mística. Com razão, é necessário que a autoridade e o cuidado paterno que São José exerceu na Sagrada Família, primeiro núcleo da Igreja, estendam-se maravilhosamente por toda a Igreja”.⁷

Desta forma, o grande título de Patrono da Santa Igreja outorgado a São José tem seu fundamento em

uma dignidade ainda mais profunda: sendo verdadeiro pai de Cristo, Cabeça da divina instituição por Ele fundada, não pode deixar de ser verdadeiro pai do seu Corpo.⁸

Vê-se então como em São José se cumprem mais perfeitamente as palavras de São Paulo aos romanos, como prossegue em sua epístola: “Em verdade, está escrito: ‘Eu te constituí *pai de muitas nações*’ (Gn 17, 5); *nosso pai*, portanto, diante dos olhos d’Aquele em quem acreditou. [...] Esperando, contra toda a esperança, Abraão teve fé e se tornou pai de muitas nações, segundo o que lhe fora dito: ‘Assim será a tua descendência’ (Gn 15, 5). [...] Eis por que sua fé lhe foi contada como justiça” (Rm 4, 17-18.22).

Por sua fé em acolher tão alta missão confiada pelo Padre Eterno, São José não recebeu “somente” o nome de *pai de Jesus* – o que já está acima de qualquer mérito de um ser criado – mas se tornou pai de uma numerosa descendência, isto é, “a herança que Jesus Cristo alcançou com seu Sangue”,⁹ como reza uma conhecida oração de Leão XIII ao Santo Patriarca.

Peçamos a intervenção deste pai onipotente

O que devem, pois, fazer os católicos que neste ano de 2021, não me-



São José, Patriarca da Igreja - Basílica Menor do Oratório de São José, Montreal (Canadá)

nos calamitoso do que o tempo no qual a Esposa Mística de Cristo foi confiada a São José, lutam por defender a integridade da Fé e a pureza dos costumes? Ouçamos o conselho do Magistério:

“Que ele, São José, com sua paternal providência e potente intercessão vos auxilie sempre, a vós e a vossa família; digamos onipotente intercessão, porque é o que se deve dizer. Poder-se-ia observar que esta palavra ‘onipotente’ se aplica à intercessão de Maria Santíssima. Mas ousamos afirmar que antes ainda é preciso aplicá-la a São José. [...] Como o cabeça da casa era o próprio São José, essa intercessão não pode ser menos que onipotente, pois, o que podem ainda negar-lhe, a São José, Jesus e Maria, aos quais ele consagrou literalmente toda a sua vida, e que realmente

lhe devem os meios de sua existência terrena?”¹⁰

Confiante nesta intervenção onipotente – e esperamos que seja próxima! – deve o católico perseverante, no ano de São José, rogar-lhe que o mundo reconheça os caminhos que vem trilhando e, à luz do Salmo aplicado pela Liturgia ao Patriarca da Igreja, considere os últimos acontecimentos que lhe têm sobrevindo: “Se, porém, seus filhos abandonarem minha Lei, se não observarem os meus preceitos, se violarem

as minhas prescrições e não obedecerem às minhas ordens, eu punirei com vara a sua transgressão, e a sua falta castigarei com açoite” (Sl 88, 31-33).

Faz-se necessário lhe rogar também que o Corpo Místico de Cristo, do qual ele é pai, seja defendido dos embustes de seus adversários, como canta o mesmo Salmo: “Não o há de surpreender o inimigo, nem ousará oprimi-lo o malvado. Sob seus olhos esmagarei os seus contrários, serão feridos aqueles que o odeiam” (Sl 88, 23-24).

Por fim, que ele proteja a sua bendita posteridade, aquela sobre a qual paira a promessa de seu Divino Filho de que não perecerá sob as potências infernais (cf. Mt 16, 18). A respeito dela foi profetizado: “Dar-lhe-ei uma perpétua descendência, seu trono terá a duração dos céus” (Sl 88, 30). ✧

¹ PATRON. In: GLAIRE, Jean-Baptiste; WALSH, Joseph-Alexis (Dir.). *Encyclopédie catholique*. Paris: Parent-Desbarres, 1847, t.XV, p.447.

² SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. *Quemadmodum Deus*: ASS 6 (1870), 193-194.

³ RUPERTO DE DEUTZ. De divinis officiis, c.XIX. In:

CANALS VIDAL, Francisco (Ed.). *San José en la fe de la Iglesia. Antología de textos*. Madrid: BAC, 2007, p.16-17.

⁴ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, v.VII, p.46.

⁵ Cf. LLAMERA, OP, Bonifacio. *Teologia de San José*. Madrid: BAC, 1953, p.92-102.

⁶ SANTO AGOSTINHO. Sermo 51. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 1983, v.X, p.42-43.

⁷ BOVER, SJ, José Maria. *De cultu S. Ioseph amplificando. Theologica disquisitio*. Barcinone: Eugenius Subirana, 1926, p.49-50.

⁸ Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *São José: quem o co-*

nhece?... São Paulo: Lumen Sapientiae, 2017, p.412.

⁹ LEÃO XIII. *Oração a São José*: ASS 22 (1889-1890), 117.

¹⁰ PIO XI. Allocuzione nella festività di San Giuseppe, 19/3/1938. In: *L'Osservatore Romano*. Città del Vaticano. Ano LXXVIII. N.66 (21-22 mar., 1938); p.1.

Blas de Lezo: o “Mediohombre”

Um homem reduzido à metade de seus movimentos naturais deixou para a História uma lição inesquecível, derrotando a “invencível” armada inglesa em Cartagena das Índias.

(CC by-sa #. 0)

Gabriel Borges Bonfim Silva



O Mar Mediterrâneo assistia sereno à aproximação de mais uma tormenta. Raiava o dia 24 de agosto de 1704 e reuniam-se próximo a Gibraltar, na costa sul da Andaluzia, duas imponentes armadas. De um lado, ingleses e holandeses, uma formidável frota “composta por sessenta navios de linha, várias fragatas, com um total de três mil e seiscentos canhões e quase vinte e três mil homens”.¹ Do outro, partindo para a conquista do estreito, franceses e espanhóis uniam suas bandeiras sob as ordens de Luís Alexandre de Bourbon, conde de Toulouse e filho do próprio Luís XIV, e batalhavam em nome de Sua Majestade Filipe V, neto do Rei-Sol recém-assentado no trono de Espanha. Era o início da Guerra de Sucessão.

As forças estavam equiparáveis. Pelas dez horas da manhã as últimas ordens soaram, os navios manobram e dispuseram-se, de ambos os lados, em três blocos, a fim de cercar o inimigo.

Na nau capitânia franco-espanhola, um jovem oficial de quinze anos

passava em revista uma linha de canhões. A fronte suave frio, mas com passo firme, semblante sisudo e voz definida ele inspirava respeito e mantinha sua autoridade, reprimindo em seu interior um medo rebelde. O silêncio agudo que antecede as grandes calamidades anunciava os derradeiros segundos antes da deflagração geral e apertava-lhe o coração. Emoções do batismo de fogo; era sua primeira batalha.

Ouviu-se ao longe o estrépito surdo e grave dos primeiros canhonaços. Logo, chamuscas, tremores, fumaça, destroços. Silvavam as balas, saltavam as paredes e, com elas, os homens. Com dificuldade escutou-se a voz de comando: “Fogo!”

O jovem oficial, onde estava? Um inclemente globo de chumbo havia lhe levado metade da perna esquerda. Às pressas foi encaminhado até a “sala de cirurgia” – eufemismo para designar a terrível e mal iluminada mesa de amputações que, abaixo do nível do mar, acolhia os feridos em batalha. Deslizava-se em sangue. Toda a perícia do cirurgião media-se no cronômetro pois, quanto mais demorasse, maior seria o perigo de o

paciente não resistir à hemorragia ou contrair alguma infecção.

Puseram o jovem sobre a mesa de operações. Meteram-lhe garganta adentro boa porção de aguardente; em seguida, uma faixa de couro entre os dentes – era a anestesia.

A operação se iniciou extraindo os últimos pedaços de carne que ainda estavam suspensos sob o joelho. Depois, com uma serra, aparou-se a tíbia e a fíbula. Por fim, o toco foi submergido em breu fervente para cortar a hemorragia. Tudo isso em menos de um minuto.

O rapaz suportou tais horrores com uma bravura exemplar, cujo eco chegou aos ouvidos de Luís XIV. Admirado, este lhe concedeu o título de *Alférez de Vajel de Alto Bordo*, ao que Filipe V acrescentou outras mercês.

Este pequeno herói oriundo de uma modesta aristocracia de Pasajes de San Pedro em Guipúzcoa, ao norte da Espanha, chamava-se Blas de Lezo y Olavarrieta.

A vida no mar

Como reagiria um jovem de quinze anos após semelhante desventura? Seria certamente acometido por um

trauma irreversível e abandonaria a carreira que sequer tivera a oportunidade de começar.

Mas não estamos no século XXI. Blas de Lezo contemplaria ainda muitas outras aventuras. Se sua vida remontasse aos tempos medievais, o homem moderno a contaria entre as lendas; porém, como ele nasceu em fevereiro de 1689,² podemos enumerá-lo entre os heróis e narrar aqui, com precisão, sua fascinante história.

Blas aprendeu a locomover-se com agilidade sobre uma muito incômoda perna de pau, que logo lhe valeu seu primeiro apodo: “*ankamotz*”, na língua basca, ou, em espanhol, “*pata-palo*”,³ perna de pau. Assim adestrado a caminhar e inclusive a cavalgar, foi admitido novamente a bordo.

Seu nome reaparece na História em uma missão de defesa da cidade de Peñíscola, onde participou do incêndio de um barco inglês de sessenta canhões. Em agosto de 1705 foi convocado para o socorro que a marinha franco-espanhola prestaria à cidade de Barcelona, assediada pelos opositores de Filipe V. Aí o vemos ao comando de uma pequena embarcação, cercada por navios ingleses. O ousado oficial mandou fazer uso de “balas vermelhas”, bolas de chumbo aquecidas no forno do navio. Incendiou um navio inimigo e escapou do cerco em meio às nuvens de fumaça.

Sedento de proezas acima do mero dever, *Don Blas de Lezo* foi destinado como tenente de navio, com apenas dezoito anos de idade, à defesa do Forte de Santa Catarina, em Toulon, do qual avistou uma poderosa frota inglesa que se aproximava. A Providência parecia testar a valentia do jovem coxo, que desta vez teve a sorte de perder o olho esquerdo. Mas também sobreviveu a ferimento tão perigoso, que poderia ter-lhe custado a vida.



Aquele “medihombre” não se considerava malgrado o suficiente para que sua consciência o dispensasse do dever e da aventura

Acima, Blas de Lezo - Museu Naval de Madri; na página anterior, combate de uma fragata espanhola contra a nau britânica Stanhope, por Ángel Cortellini Sánchez - Museu Naval de Madri

Terá desistido de uma carreira exposta a tantos riscos... – diria talvez alguém – “desnecessários”? Não. Em 1714 estava à frente do navio *Nuestra Señora de Begoña*, também conhecido como *Campanela*, de setenta canhões, com o qual participou das operações de bombardeio da cidade de Barcelona, durante a guerra civil que assolava a Espanha. Numa dessas investidas, Blas perdeu os movimentos do antebraço direito, tendo ossos e tendões arrasados.

Aquele *medihombre*, perseguido e tantas vezes osculado pela morte, não se considerava malgrado o suficiente para que sua consciência o dispensasse do dever e da aventura.

No dia 3 de fevereiro de 1737, ele zarparou para uma nova missão, ao co-

mando de um comboio com dois navios principais: *Conquistador* e *Fuerte*. Seu destino, a América. Por segunda vez Blas cruzava o Atlântico. Tais viagens não eram nada fáceis, mas proporcionavam naquela época grandes períodos de silêncio e reflexão. Neste enorme e harmonioso claustro chamado mar, quantas premonições não devem ter assaltado o analítico capitão? O maior desafio de sua vida o esperava do outro lado do oceano.

Cartagena das Índias

No dia 11 de março Blas pôs o pé em terra firme. Abarcou logo, em um olhar, a formidável Baía de Cartagena e o lastimoso estado das fortificações. Não havia tempo a perder. A cidade, ponto-chave da colonização espanhola na América Latina, havia sido alvo de ataques e ameaças de toda sorte.⁴ E as previsões para o futuro não eram alentadoras. Um espião espanhol, conhecido pelo apodo de *El paisano*, obtivera na Jamaica informações muito seguras e precisas de que os ingleses visavam colapsar o comércio e domínio espanhol, tendo por um dos alvos principais Cartagena das Índias.

Levantando o ânimo de uma guarnição indolente, Blas reforçou a defesa da cidade. Trabalhava “não como corresponde a um general, mas sim como o último dos grumetes”,⁵ dando a todos exemplo e estímulo.

Os planos de reparo e ampliação do general da armada iam adiantados quando se anunciou estar próxima a chegada do vice-rei de Nova Granada, *Don Sebastián de Eslava y Lasaga*. Militar estudado e experimentado, muito cioso de sua grande reputação junto à corte, parecia quase a antítese de Blas de Lezo, que mal pôde esconder sua decepção ao ouvir dele as primeiras palavras. Via-o reclamar da viagem e chorar suas penas, enquanto uma tripulação assombra-



Contando mais de cento e setenta barcos e trinta mil homens, a armada inglesa aproximou-se de Cartagena das Índias e Vernon deu ordem de abrir fogo contra as muralhas

Retrato de Edward Vernon, por Thomas Gainsborough - National Portrait Gallery, Londres

da descarregava em silêncio o navio. Cento e cinquenta corpos haviam sido lançados ao mar durante o percurso, vítimas da fome e do escorbuto.

Uma viagem terrível. Mas um marinheiro como Blas – para o qual a fome, o escorbuto e o fogo inimigo não eram novidades, e as privações de longas viagens nada mais significavam que os deveres de ofício – não pôde criar simpatia por um comandante que assumia sua posição entre lamúrias e ais...

Blas, porém, adiantou-se e informou Eslava do estado das defesas de

Cartagena e, sobretudo, transmitiu-lhe as últimas notícias sobre o avanço inglês. “Não é nada! Se algo houver, certamente seu objetivo é La Habana e não Cartagena”, respondeu o vice-rei.

Até o fim, Eslava seria da escola dos otimistas obstinados. A respeito do trabalho realizado por Blas de Lezo, ele não fez mais que notar deficiências – bem observadas, aliás – com um sorriso amigável.

Primeiras ameaças

No dia 13 de março de 1740 despontou no horizonte uma pequena esquadra inglesa, a qual abriu fogo para tentar os defensores a saírem de suas posições e mostrarem suas forças. Mas Edward Vernon, comandante da armada, sabia que ainda não era o momento oportuno para o assalto. Ele esperava reforços e queria apenas fazer um reconhecimento da cidade. Nessa espera encarregou seus homens de outras missões pelas redondezas, para que a retumbância de pequenas conquistas ressoasse aumentada no Parlamento Britânico em honra de seu nome.

A frota inglesa retornou então à Jamaica para os últimos preparativos antes do ataque a Cartagena das Índias. Lá recebeu um reforço considerável, somando “um total de mais de cento e setenta barcos e trinta mil homens”⁶.

Enquanto isso, continuavam os reparos e acréscimos nas fortificações de Cartagena. Levantaram-se ba-

luartes de madeira, estenderam muralhas e foi verificada a enorme corrente de ferro que impedia o ingresso na baía. Eslava, que ainda “não estava plenamente convencido da eventualidade do ataque inglês”, levava a cabo o labor que *Don Blas de Lezo* conduzia havia anos “sem que por isso se reconhecesse seu trabalho”⁷.

Os espanhóis, por sua vez, não haviam recebido maiores reforços. Possuíam apenas seis navios de guerra, com quatrocentos e sessenta peças de artilharia.

Inicia-se a investida inglesa

A tempestade provável tornou-se realidade: no dia 13 de março de 1741, as velas de quase cento e oitenta embarcações despontaram no horizonte.

Aproximou-se a armada inglesa e bordeou toda a costa até o sul da cidade. Neste percurso abriu fogo contra as muralhas, destruindo as baterias de *Chamba*, *San Felipe* e *Santiago*.

Blas de Lezo encontrava-se na Fortaleza de *San Luis de Bocachica*, importante construção que defendia a entrada da baía ao sul. De lá ele pediu a Eslava trezentos homens. Este enviou-lhe, contrariado, cento e cinquenta, aos quais no dia seguinte ordenou retornar para a cidade...

No dia 20 de março o mais temível se deu: os ingleses iniciaram um desembarque para assaltar a Fortaleza de *San Luis*, incomparavelmente mais vulnerável por terra. Com uma multidão de nativos da Jamaica – cer-



ca de mil deles – começaram a construção de um primeiro acampamento e de uma bateria.

Enquanto prosseguiram o avance terrestre, Vernon ordenou à armada bombardear a fortaleza. Foram muitas vezes repelidos pela artilharia das muralhas e da bateria de *San José* que, do outro lado da abertura chamada *Bocachica*, também abria fogo. Em um dia esta última ficou inutilizada por completo. Contudo, qual não foi o espanto dos invasores quando, na jornada seguinte, a bateria abriu fogo novamente, pois fora reconstruída durante a noite sob as ordens do incansável Blas, com terra e restos de navio!

Às sete e quinze da manhã do dia 2 de abril de 1741, os espanhóis tiveram uma grande surpresa. As árvores na direção de Tierrabomba desapareceram num instante, e descortinou-se a espantosa cena de vinte canhões de vinte quatro libras e quarenta morteiros. Blas, semanas antes, havia insistido junto a Eslava para que se cortassem todas as árvores da ilha, querendo evitar esse tipo de emboscada... Todavia, como em muitas outras ocasiões, não foi escutado.

Eslava convocou então um conselho de guerra na nau capitânia *Galiccia*. Durante o caloroso debate entre os oficiais, uma bala de canhão levou a própria mesa sobre a qual trabalhavam, arrasando tudo pelo caminho. Eslava foi levemente ferido, mas Blas de Lezo reuniu mais algumas condecorações ao seu corpo já tão honrado

pelo fogo inimigo: teve uma das mãos e uma coxa gravemente atingidas por estilhaços.

Em seu diário, no qual faz poucas e ainda mais lacônico sobre suas dores, apenas anotou: “Às nove da manhã fui ferido em uma coxa e em uma mão”.⁸ Recusou ser evacuado e continuou a deblaterar com Carlos Desnaux sobre a melhor maneira de abandonar a posição em *San Luis*.

Em pouco tempo os ingleses conquistaram a entrada da baía, chegando até à última linha de defesa dos espanhóis. Estes iam abandonando e destruindo fortalezas que, segundo a opinião de Eslava, seriam posições insustentáveis. Blas, não sem razão, indignava-se, pois queria vender caro ao inimigo cada posição que fosse preciso deixar.

Para cúmulo das alterações entre os dois comandantes, Eslava mandou afundar os últimos dois navios que lhes restavam, para obstar passagem aos ingleses, o que não teve utilidade alguma. Entretanto, mesmo prevenido esses desastres e, às vezes, deixando escapar algumas farpas de sua cólera comprimida, Blas manteve sempre intacta sua obediência à autoridade legitimamente constituída.

Inesperada vitória

Nesse ínterim, Vernon já cantava a vitória. Enviou à Inglaterra a fragata *Spence*, ao comando do Capitão Lowes, com a notícia da iminente tomada de Cartagena. Lá,



(CC by-sa 4.0)

Sebastián de Eslava parecia a antítese de Blas de Lezo. Conquistada a vitória, pôs-se ele a denegrir a imagem do general da armada ante o rei espanhol

Retrato de Sebastião de Eslava - Palácio Guendulain, Navarra (Espanha)

“imminente” traduziu-se por “indisputável”. Trepidaram os canhões da Torre de Londres, soaram os campanários e chegou-se a distribuir moedas comemorativas, nas quais Blas de Lezo – com duas pernas... – figurava genuflexo diante do comandante britânico. Atrás, havia a inscrição: “O orgulho espanhol humilhado pelo Almirante Vernon”.

No dia 20 de abril de 1741, porém, deu-se um misterioso episódio que decretou o fim da invasão inglesa.

Vernon decidiu pela tomada da Fortaleza de *San Felipe de Barajas*,



Canhões da Fortaleza de San Felipe de Barajas - Cartagena das Índias (Colômbia)

apesar das relutâncias do comandante de infantaria, Wentworth, que achava impossível tal empresa. Na calada da noite, dois grupos avançaram pelo bosque cerrado: um visava atingir o castelo pelo norte; outro, pelo sul. Contudo, o resultado foi desastroso. O guia de uma das guarnições, um espanhol desertor, fê-los girar durante toda a noite pela floresta. Quando chegaram aos pés da fortaleza já era dia e o efeito surpresa se perdeu. Continuaram ainda assim a operação. Depositaram as escadas nas posições mais estratégicas, mas constataram logo que estas não tinham a altura suficiente, pois Blas de Lezo havia mandado cavar um fosso em torno da muralha.

O fato, quase anedótico, valeu a perdição da tropa que, espavorida sob o fogo inimigo, deixou para trás petrechos, armas, homens e as escadas... Os espanhóis sequer esperaram ordens e saltaram em perseguição da infantaria à baioneta caída.



(CC by-sa 3.0)

Vernon já cantava vitória e, na Inglaterra, chegou-se a cunhar moedas comemorativas, nas quais Blas de Lezo figurava genuflexo diante do comandante britânico

Moedas comemorativas distribuídas na Inglaterra - Museum Rotterdam (Países Baixos)

Depois deste vergonhoso fracasso, Vernon não teve outra escolha senão reunir seus oficiais em conselho na *Princess Carolina*, esbravejar contra a incompetência de Wentworth, culpar o governo inglês por não lhe haver oferecido os reforços almejados e dar ordem de bater em retirada.

O que havia acontecido? Como a vitória passou de uma hora para outra dos atacantes para os defensores?

A verdade é que o exército inglês estava numa verdadeira calamidade. Nos porões de seus navios, transformados em “hospitais”, sem médicos nem condição alguma de saneamento, homens aglutinavam-se, compartilhando infecções e vermes. Bem antes que Vernon, as tropas exaustas já haviam se convencido de que Cartagena custaria muito mais do que o esperado.

Os ingleses se retiraram paulatinamente, inutilizando tudo pelo caminho e mantendo fogo contra o inimigo, para não serem perseguidos. A manobra durou uma semana e serviu, em parte, para não deixar os homens ociosos e desmoralizados.

Blas constatou a vitória e, com a simplicidade de quem não olha para os próprios méritos e nada mais pode surpreender nesta vida, apenas menciona em seu diário que os inimigos davam indícios de se retirarem.⁹



Reprodução

Bem antes que Vernon, as exaustas tropas inglesas já haviam se convencido de que Cartagena custaria muito mais do que o esperado

Naus britânicas em Cartagena das Índias, por Isaac Basire - Biblioteca Nacional da Colômbia, Bogotá

O herói anônimo

As velas inimigas desapareceram no horizonte e, finalmente, Cartagena teve tempo para contemplar o preço da vitória em suas ruínas ainda quentes.

O heroísmo refulgente de Blas de Lezo seria prontamente reconhecido pelos seus mais próximos. Tantos serviços prestados à sua pátria, ao seu rei e – por que não dizê-lo? – à sua Religião não podiam cair no esquecimento.

Entretanto, o eco natural de sua honra foi abafado. O primeiro a escrever sobre a vitória à corte espanhola foi o Bispo de Cartagena, Dom Gregorio de Molleda. Contrariando a sua missão de pastor, defensor e proclamador da verdade, esse clérigo manchou-se com a culpa de uma pouco velada difamação. Em seu precipitado relato da defesa de Cartagena das Índias, todos os louvores foram prestados à afamada figura do Vice-Rei Sebastián de Eslava que, apesar das escandalosas revoltas de um certo Blas de Lezo, obteve brilhante sucesso...

Em seguida, o próprio Eslava pintou a sua versão da história, na qual Blas ganhou cores de criminoso: “Que seja castigado por seu comportamento”,¹⁰ escreveu ao rei.

Enquanto um vendaval de acusações chegava até a coroa espanhola e a maior parte da Opinião Pública aplaudia Sebastián de Eslava, em gloriosa ascensão de elogios e honorarias, o que fazia o general da armada, *Don Blas de Lezo* y Olavarrieta?



Quando as aparências físicas mostram um homem reduzido à metade de suas capacidades naturais, por trás pode estar um gigante, um herói, um vencedor

Blas de Lezo, por Salvador Amaya
Plaza Colón, Madri

Doente, esquecido e sofrendo os efeitos da guerra, vivia seus derradeiros dias em um leito do qual já não se levantaria. Dedicou ele seus últimos vigoros a escrever a sua versão dos fatos¹¹ e, assim, salvaguardar a honra de quarenta anos de serviços prestados na ponta de lança da dedicação e do heroísmo e obter um digno repouso à família que deixava.

Blas enfrentou sua última batalha, a agonia, às oito da manhã do dia 7 de setembro de 1741. Seu corpo, mutilado pelo fogo inimigo, foi enterrado; sua fama continuou perseguida pela calúnia, e sua honra, intacta, permaneceu sepultada com ele nos arredores de Cartagena das Índias. Nem mesmo o lugar de sua tumba é conhecido.

Entretanto, atualmente não faltam os que se põem a campo para fazer jus à glória do *Mediohombre*. Seus patrícios de hoje, inconformados com o silêncio de seus contemporâneos, reconhecem figura tão insigne e o louvam como um dos maiores heróis da gesta espanhola.

Sua última aventura pode nos ensinar muitas coisas. A História é teimosa, e tende a se repetir. Quais novos Golias, grandes potências se levantam, julgam-se invencíveis, proclamam-se onipotentes. Riem dos ungidos do Senhor, mas por eles são derrotadas num golpe inesperado e fulminante.

Guardam então no bolso suas próprias moedas, cunhadas pelos que cantaram vitória antes da hora...

É que, mesmo quando as aparências físicas mostram apenas um homem reduzido à metade de suas capacidades naturais, por trás das exterioridades pode estar um gigante, um herói, um vencedor, no qual as virtudes e o amor a um ideal cresceram a ponto de não caberem num homem inteiro. ✧

¹ SARAVIA, Gonzalo M. Quintero. *Don Blas de Lezo. Biografía de un marino español del siglo XVIII*. 3.ed. Madrid: EDAF, 2016, p.46.

² Cf. Idem, p.27.

³ Idem, p.160.

⁴ Cf. VICTORIA, Pablo. *El día que España derrotó a Inglaterra*. 3.ed. Barcelona: Áltera, 2008, p.41.

⁵ SARAVIA, op. cit., p.160.

⁶ Idem, p.204.

⁷ Idem, p.206.

⁸ Idem, p.222.

⁹ Cf. Idem, p.248.

¹⁰ Idem, p.257.

¹¹ Cf. CRESPO-FRANCÉS, José Antonio. *Blas de Lezo y la defensa heroica de Cartagena de Indias (1741)*. 4.ed. Madrid: ACTAS, 2016, p.191.



“Zelo zelatus sum”

À medida que Dr. Plínio se aprofundava nos diversos aspectos da história e do carisma carmelitanos, via confirmado o acerto da inspiração sobrenatural que o levava a formular a promessa de ingressar na Ordem.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

“**T**oda a vida eu senti uma afinidade extraordinária com a Ordem do Carmo e tive vontade de a ela pertencer, baseado em grande medida no que ela tem de profético, porque é a Ordem profética por excelência”, afirmava Dr. Plínio Corrêa de Oliveira.

A partir do encanto nascido nos passos iniciais de sua militância católica, durante um cortejo de terciários carmelitas, e da promessa que lhe seguiu de um dia ingressar na Ordem do Carmo, diversos fatores concorreram para aumentar tal anseio: “Comecei a ler os grandes Santos carmelitas: Santa Teresa de Ávila, Santa Teresinha do Menino Jesus, algo de São João da Cruz e de outros, e isso me impressionou muitíssimo. Mais ainda quando eu li que o profeta Elias foi o fundador da Ordem do Carmo e, com a visão da pequena nuvem, o primeiro a ter a revelação sobre a Virgem que viria. Tudo isso me deu muito desejo de ser carmelita”.

Como todos os episódios relevantes de sua vida, este foi preparado por diversas circunstâncias provi-

denciais. Entre elas está o fato de ter começado a advogar para a Província Carmelitana Fluminense, iniciando assim uma relação que muito transcenderia o mero trato profissional, pois logo Dr. Plínio travou forte amizade com o padre provincial e outros frades carmelitas. Estes eram todos

“Toda a vida senti uma afinidade extraordinária com a Ordem do Carmo, por ser a Ordem profética por excelência”

holandeses e, quando iam visitá-lo no escritório, o tema predileto de suas conversas era, em consequência, sua nação de origem.

Um dia, porém, Dr. Plínio os interrogou sobre a possibilidade de ser admitido na Ordem do Carmo.

Terciário da venerável Ordem do Carmo

Naquele tempo os carmelitas calçados ainda não haviam fundado a Ordem Terceira no convento situado à Rua Martiniano de Carvalho, em São Paulo. Mas, tão logo isso se deu, Dr. Plínio pediu sua admissão, junto com o grupo de seus discípulos, tomando o nome de Ir. Isaías de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Ele explicou ter escolhido esta invocação da Virgem Santíssima para, em meio às lutas em que se encontrava, “Ela me proteger perpetuamente” e “me ajudar a cumprir meu dever”, segundo suas palavras.

Tendo constituído um número suficiente e com inquietudes próprias, no dia 2 de fevereiro de 1954, com a anuência do Padre-Geral dos carmelitas, Frei Kiliano Lynch, os filhos de Dr. Plínio se agruparam como um sodalício, denominado Virgo Flos Carmeli, do qual ele seria eleito primeiro prior. Ali entrariam ao longo dos anos todos os novos discípulos recrutados para militar nas fileiras do Grupo.¹

À medida que Dr. Plínio se aprofundava nos diversos aspectos da história e do carisma carmelitanos e constatava a íntima ligação destes com sua missão, via confirmado o acerto da inspiração sobrenatural que o levava a formular a promessa de ingressar na Ordem, realizada duas décadas antes.

Em virtude do conúbio sobrenatural estabelecido com a Santa Igreja desde a mais tenra infância, Dr. Plínio estimava em seu justo valor o imenso fruto espiritual que decorria para sua obra da vinculação jurídica efetiva de seus membros com uma família de almas tão privilegiada por Maria Santíssima:

“Nossa pertencença à Ordem Terceira do Carmo é um complemento e um elemento integrante natural, adequado debaixo de todos os pontos de vista e com razões profundas, da nossa pertencença ao Grupo. Ambas as coisas formam um todo e uma união. Nesse sentido, devemos ter na mais alta conta não só os nossos deveres de carmelitanos, mas as nossas boas vantagens enquanto tais. O fato de que isto estabeleça um vínculo jurídico entre Nossa Senhora e nós, que Ela misericordiosamente quis firmar, nos dá títulos para sermos filhos e escravos d’Ela por uma razão muito especial e, portanto, para pedirmos a Ela tudo aquilo que queremos, com uma confiança particular”.

Zelo incendiado pelo Senhor Deus dos Exércitos

Logo nas primeiras cerimônias em que pôde figurar como membro da Ordem Terceira, Dr. Plínio viu reluzir diante de si o fulgor da personalidade de Santo Elias, fato que mostra a profunda sintonia de sua alma com o âmago mais puro e autêntico do ideal carmelitano.

Antes da Missa dominical, os terciários formavam um cortejo que percorria as naves laterais da



Dr. Plínio vestido com o hábito da Ordem Terceira do Carmo, na década de 1950; na página anterior, Profeta Elias - Basílica de Nossa Senhora do Carmo, São Paulo

Basílica do Carmo para, por fim, tomarem lugar nos bancos da frente e dali participarem do Santo Sacri-

“O homem que se tornou zeloso pelo Senhor Deus dos Exércitos preencheria as exigências do amor de Deus”

fício. Quando a procissão avançava, o olhar de Dr. Plínio pousou sobre uma pintura mural representando o episódio em que Santo Elias, tendo passado a noite numa caverna, é visitado por Deus, que lhe pergunta: “Que fazes aqui, Elias?” (I Rs

19, 9). Ali estava escrita em latim a resposta do profeta: “*Zelo zelatus sum pro Domino, Deo exercituum*”²² (I Rs 19, 10).

Quando leu aquela frase, que forma a divisa da Ordem do Carmo, mas que ele ainda não conhecia, sentiu uma profunda comoção, conforme narrou: “Um zelo incendiado e extraordinário! Tive uma experiência que me levantou inteiro de entusiasmo e de contentamento, mas também de segurança de que essas palavras do Espírito Santo no Antigo Testamento eram um elogio de como se deveria ser, e de que o homem que se tornasse zeloso, mas de um zelo feroso, por Aquele que é o Senhor Deus dos exércitos, seria extraordinário e preencheria as exigências do amor de Deus”; “É bem exatamente o que eu gostaria que se pudessem dizer de mim. *Zelo zelatus sum*, mas por Deus, sobretudo, enquanto Deus dos exércitos. Quer dizer, Deus no combate, Deus na militância, Deus na luta”.

Admirando o filão eliático

O maravilhamento de Dr. Plínio com a vocação eliática não se deteve aí. Em seu tempo, o Tesbita fora o único profeta que restava, pois os demais haviam sido mortos por Acab e Jezabel ou tinham se vendido à seita de Baal. Entretanto, Deus não abandonara o povo eleito, porque Elias encarnava a fidelidade de todo o Israel. E, pelos séculos afora, ele representará na Santa Igreja o zelo pela integridade e verdade. Todos os justos elogios que a Escritura faz a seu respeito são pesados, contados e medidos, mas, neste contexto, um atraí especialmente a atenção: “Bem-aventurados os que te conheceram, e foram honrados com a tua amizade!” (Eclo 48, 11).

Dentre esses escolhidos destaca-se Eliseu que, quando o profeta foi

arrebatado por um carro de fogo, recebeu o seu duplo espírito (cf. II Rs 2, 9-11; Eclo 48, 13). Não significa isto que há um espírito de Elias que se transmite?

É o que se observa quando, mais adiante, o mesmo teor de graças configuraria a mentalidade e a missão de São João Batista (cf. Mt 11, 14, Lc 1, 17) e de tantos outros

Santos: “Elias aparece como o primeiro devoto de Nossa Senhora e como aquele que deverá intervir em suas batalhas decisivas na luta contra o Anticristo. Ele é o grande devoto d’Ela. Ele, o portador de uma graça, de um espírito, está à cabeceira de uma série de luminares da devoção marial. Ele é o iniciador de uma graça mariana, a qual é um prenúncio da graça do advento do Verbo. [...] Depois, passando por outros, nós vemos que o crescimento da Mariologia e da devoção a Nossa Senhora na Igreja alcança seu mais alto expoente em São Luís Maria Grignon de Montfort”.

Isto levava Dr. Plínio a levantar a hipótese de que Santo Elias abre uma corrente de profetas ao longo da História, intimamente ligada à família espiritual carmelitana, à qual denominava de filão eliático. Sua origem e sustentação encontram-se na mentalidade, no espírito, no modo de ser, na paciência, na humildade e no zelo pela causa de Deus do próprio “pai e guia do Carmelo”.



Santo Elias é arrebatado num carro de fogo diante de Eliseu Carmelo de Mayerling, Alland (Áustria)

Dentro da trama da História, era preciso que Deus suscitasse uma continuidade entre aqueles que manteriam a ortodoxia ao longo dos tempos

Por isso, quando falava dele, Dr. Plínio o fazia do fundo da alma, admirando-o enquanto fundador dessa escola de vida espiritual: “Dentro de um terreno nebuloso em que possuímos poucos, mas muito importantes dados históricos, tudo é sugestivo de uma grande concatenação, de um grande filão de almas que se tocaram umas às outras. [...] Nós percebemos que isto forma um imenso veio que, visto no seu conjunto, acaba se nos apresentando

como uma unidade de homens que se tocaram uns aos outros pelo menos com a ponta do dedo”.

Dentro da trama da História, era preciso que Deus suscitasse uma continuidade entre aqueles que manteriam ao longo dos tempos a ortodoxia e a observância da Lei, não por esforço próprio,

mas graças a uma fidelidade infundida por Ele. Nesse sentido, a inserção de Dr. Plínio na Ordem Terceira do Carmo, não teria sido permitida pela Providência como um modo de favorecer a relação mística dele e de sua obra com o profeta por excelência e sua plena identificação com o espírito eliático? ✧

Extraído, com adaptações, de: *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. São Paulo: LEV, 2016, v.III, p.304-317

¹ Quando, no início da década de 1930, Dr. Plínio formou um incipiente conjunto de discípulos, forjou-se nos meios católicos a expressão *Grupo do Plínio*. E ela vinhou de tal forma nos ambientes internos que, décadas depois, a palavra *Grupo* continuava sendo usada para designar o conjunto de sua obra.

² Do latim: “Estou devorado de zelo pelo Senhor, o Deus dos exércitos”.



Um país grande pela fé

A missão do Brasil consiste em iluminar amorosamente o mundo com o “lumen Christi” que a Igreja irradia. Bem-aventurado este povo sóbrio e desapegado, porque dele é o Reino dos Céus!

Plínio Corrêa de Oliveira



Talvez não fosse ousado afirmar que Deus colocou os povos de sua eleição em panoramas adequados à realização dos grandes destinos a que os chama. E não há quem, viajando por nosso Brasil, não experimente a confusa impressão de que Deus destinou para teatro de grandes feitos esse país cujas montanhas trágicas e misteriosas penedias parecem convidar o homem às supremas afoitezas do heroísmo cristão, cujas verdejantes planícies parecem querer inspirar o surto de novas escolas artísticas e literárias, de novas formas e tipos de belezas, e na orla de cujo litoral os mares parecem cantar a glória futura de um dos maiores povos da terra. [...]

E hoje, que o Brasil emerge de sua adolescência para a maturidade, e titudeia nas mãos da velha Europa o cetro da cultura cristã, que o totalitarismo quereria destruir, aos olhos de todos se patenteia que os países católicos da América são na realidade o grande celeiro da Igreja e da civilização, o terreno fecundo onde poderão reflorir com brilho maior do que nunca as plantas que a barbárie devasta no Velho Mundo. A América inteira é uma constelação de povos irmãos. Nessa constelação, inú-

til é dizer que as dimensões materiais do Brasil não são uma figura de magnitude de seu papel providencial. [...]

A missão providencial do Brasil consiste em crescer dentro de suas próprias fronteiras, em desdobrar aqui os esplendores de uma civilização genuinamente católica apostólica romana, e em iluminar amorosamente todo o mundo com o facho desta grande luz, que será verdadeiramente o *lumen Christi* que a Igreja irradia. Nossa índole meiga e hospitaleira, a pluralidade das raças que aqui vivem em fraternal harmonia, o concurso providencial dos imigrantes que tão intimamente se inseriram na vida nacional, e mais do que tudo as normas do Santo Evangelho, jamais farão de nossos anseios de grandeza um pretexto para jacobinismos tacanhos, para racismos estultos, para imperialismos criminosos. [...]

O Brasil não será grande pela conquista, mas pela fé; não será rico pelo dinheiro tanto quanto pela generosidade. [...]

Bem-aventurado este povo sóbrio e desapegado, no esplendor embora de sua riqueza, porque dele é o Reino dos Céus.

Bem-aventurado este povo generoso e acolhedor, que ama a paz mais

do que as riquezas, porque ele possui a terra.

Bem-aventurado este povo de coração sensível ao amor e às dores do Homem-Deus, às dores e ao amor de seu próximo, porque nisto mesmo encontrará sua consolação.

Bem-aventurado este povo varonil e forte, intrépido e corajoso, faminto e sedento das virtudes heroicas e totais, porque será saciado em seu apetite de santidade e grandeza sobrenatural.

Bem-aventurado este povo misericordioso, porque ele alcançará misericórdia.

Bem-aventurado este povo casto e limpo de coração, bem-aventurada a inviolável pureza de suas famílias cristãs, porque verá a Deus.

Bem-aventurado este povo pacífico, de idealismo limpo de jacobinismos e racismos, porque será chamado filho de Deus.

Bem-aventurado este povo que leva seu amor à Igreja a ponto de lutar e sofrer por ela, porque dele é o Reino dos Céus. ✧

Extraído de: Saudação às autoridades civis e militares.

In: *Legionário*. São Paulo. Ano XVI. N.525 (7 set., 1942); p.2

Uma alma transformada pelo amor

Daniela Silva



O que ela viu no olhar de Jesus? Repreensão?
Sim, mas também uma compaixão imensa. E a vida
de pecado logo começou a lhe ficar insuportável.



Victor Andrei Prado

“**D**ois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor-próprio até o desprezo de Deus, a terrena; e o amor de Deus até o desprezo de si próprio, a celeste”.¹

Ao discorrer sobre os dois amores, Santo Agostinho o fazia com conhecimento de causa, pois havia experimentado em si o dinamismo de ambos. Na juventude, ele comprovava como a alma egoísta não busca outra coisa senão gloriar-se, prendendo-se aos bens corporais e chegando ao extremo de desprezar a Deus. Após a conversão, porém, sua meta passou a ser adorar a Deus, honrá-Lo e apoiar-se somente n’Ele.

Entretanto, séculos antes a História já havia contemplado outra alma que também conheceu a luta dos dois amores, de maneira quiçá ainda mais eloquente que o Bispo de Hipona: Maria Madalena, discípula de Jesus.

À falta de documentos históricos que nos transmitam detalhes de sua vida, teceremos algumas considerações sobre ela com base nas

visões da mística alemã Ana Catarina Emmerich,² beatificada por São João Paulo II em outubro de 2004.

Na infância, elogios e mimos

Segundo as revelações recebidas por essa Bem-Aventurada, Maria pertencia a uma família abastada, proprietária de muitos terrenos na Judeia. Um deles se situava ao lado do Templo de Jerusalém, o principal lugar de peregrinação do povo judeu e, em consequência, local onde circulava constantemente grande número de pessoas.

A pequena Maria era muito bela, e a mãe a mimava a ponto de expô-la em uma janela, sentada sobre almofadas e revestida de lindos trajes, para que fosse vista e elogiada pelos transeuntes. Isso contribuiu para que o verme da vaidade se desenvolvesse na alma da menina, levando-a a entregar-se ao orgulho e à autocontemplação desde muito cedo...

Outro fator influenciou de forma determinante os rumos de sua vida: a morte de seus pais quando ela era

ainda muito jovem. Com a divisão do patrimônio entre os irmãos – Lázaro, Marta e outra irmã, cujo nome o Evangelho não menciona –, coube a Maria um castelo na aldeia de Magdala, na Galileia. Para lá se dirigiu ela com criados e servos, quando contava apenas onze anos de idade. Sem um ideal que lhe norteasse as decisões e pouco afeita a seguir os conselhos dos que tentavam orientá-la para o bem, Maria acabou por afundar-se nos piores vícios, buscando sempre atender aos desvarios de seu amor-próprio.

O encontro com o Mestre

Enquanto Madalena gastava tempo e fortuna em diversões fúteis, seus irmãos Lázaro e Marta aproximavam-se cada vez mais de Jesus. Como ambos possuíam um espaçoso castelo em Betânia, perto de Jerusalém, ofereceram hospedagem ao Mestre quando Ele Se dirigia para ser batizado por João Batista. Foi nessa ocasião que Marta falou pela primeira vez com Jesus a respeito de Maria,

externando-Lhe sua preocupação. Nosso Senhor a incentivou a manter-se firme nas orações pela irmã, fortalecendo-a na esperança de que ela se endireitaria.

Transcorrido algum tempo, Marta logrou convencer Maria a ir até Jesus, que então Se encontrava em Jezrael, na Galileia. Contudo, como a passagem do Divino Redentor por essa cidade durou apenas algumas horas, as irmãs não conseguiram vê-Lo.

Pouco depois, novamente instada por Marta, a jovem acedeu e a acompanhou a uma localidade onde Jesus havia Se detido com seus discípulos para pregar ao povo e realizar milagres. Em certo momento, encontrando-se Maria na hospedagem, saiu a uma janela para observar o movimento e deparou-Se com o Mestre que caminhava com os seus. “Ele a olhou com ar sério enquanto passava e seu olhar penetrou sua alma”.³

Com acerto comenta uma autora contemporânea: “O que havia naqueles olhos? Repreensão? Sim, repreensão; mas também compaixão, uma compaixão imensa. A vida Lhe ficou insuportável”. A partir desse instante, “cada pecado gravava mais a fundo em sua memória aquele olhar”.⁴

Passou-se algum tempo até que, face às insistências de sua irmã, Maria acabou cedendo outra vez e dirigiu-se ao local onde Nosso Senhor faria uma pregação. “Interiormente ela estava confusa e presa a uma batalha mental”.⁵ Era a graça que a chamava! “Quando Jesus apareceu e começou a falar, seus olhos e sua alma concentraram-se somente n’Ele”.⁶ Ouvir as palavras de Nosso Senhor e presenciar as curas que operava abrandaram aquele duro coração,

que dali em diante, sem saber exatamente por que, buscava aproximar-se do Mestre.

“Seus numerosos pecados lhe foram perdoados”

A ocasião propícia surgiu quando um fariseu convidou Jesus para um banquete em sua casa (cf. Lc 7, 36-50). Conforme narra a vidente, Maria percebeu que o Redentor não havia recebido, nem antes nem durante a refeição, gesto algum de honra, nenhuma atenção respeitosa comumente dirigida aos convidados.⁷ Isso a levou a tomar a atitude referida pelo Evangelista: “Trouxe um vaso de alabastro cheio de perfume; e, estando a seus pés, por detrás d’Ele, começou a chorar. Pouco depois suas lágrimas banhavam os pés do Senhor e ela os enxugava com os cabelos, beijava-os e os ungiu com o perfume” (Lc 7, 37-38).

Maria quis externar seu arrependimento e suplicar o perdão, mas não pôde fazê-lo. As palavras se afogaram nas lágrimas. Só conseguiu beijar os pés de seu Salvador

e chorar, não sabia ao certo se de amor ou de dor.

Com o olhar baixo, ela ouviu Nosso Senhor perguntar ao fariseu: “Um credor tinha dois devedores: um Lhe devia quinhentos denários e o outro, cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou a ambos a sua dívida. Qual deles o amará mais?” (Lc 7, 41-42).

Como devem ter repercutido na alma de Madalena essas palavras!

E ela então ousa levantar a vista... encontrando aquele olhar que outrora a havia repreendido, agora transformado em um oceano de candura e bondade. Voltando-Se para ela, Jesus diz ao fariseu: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para lavar os pés; mas esta, com as suas lágrimas, regou-me os pés e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste o ósculo; mas esta, desde que entrou, não cessou de beijar-me os pés. [...] Por isso te digo: seus numerosos pecados Lhe foram perdoados, porque ela tem demonstrado muito amor” (Lc 7, 44-45.47).



Francisco Leccaros

Maria quis externar seu arrependimento e suplicar o perdão, mas as palavras se afogaram nas lágrimas e ela só conseguiu beijar os pés de seu Salvador

Jesus na casa de Simão, o fariseu - Igreja de São Quintino, Tournai (Bélgica);
na página anterior, Santa Maria Madalena - Casa Monte Carmelo, Caieiras (SP)

Oh, maravilha! Enquanto Maria lavava os pés do Salvador, sua alma era purificada; à medida que os ungiu com bálsamo, o agradável odor do perdão divino inundava por inteiro. E o Senhor confirma tudo o que ela sentia na alma, dizendo-lhe: “Perdoados te são os pecados. [...] Tua fé te salvou; vai em paz” (Lc 7, 48.50).

Primeira a anunciar a Ressurreição

A partir de então, Madalena “seguia Jesus onde quer que fosse, sentava-se a seus pés, permanecia perto ou esperava por Ele em todos os lugares. Ela só pensava n’Ele, só ha-

via Ele diante de seus olhos e só considerava seu Redentor diante de seus próprios pecados”.⁸ Ela O acompanhou até a hora suprema de sua Paixão e Morte: “Junto à Cruz de Jesus estavam de pé sua Mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena” (Jo 19, 25). E, após o “*consummatum est*”, permaneceu junto ao Corpo do Mestre, até o momento de auxiliar Nossa Senhora, com o todo o esmero e delicadeza, a embalsamá-lo e sepultá-lo, distanciando-se do sepulcro somente por causa dos perigos da noite.

Contudo, abrasada de amor pelo Senhor, Maria Madalena não po-

dia conter-se de desejo de estar junto ao seu Sagrado Corpo para embalsamá-lo uma vez mais.⁹ Por isso no dia seguinte ao sepultamento, ainda de madrugada (cf. Jo 20, 1), dirigiu-se ao túmulo. Mas qual não foi o seu pasmo ao constatar que o Corpo havia sido “roubado”... Era a consumação da separação, que trazia consigo o requinte da dor.

A esse respeito, comenta o Pe. Antonio Vieira, com sua genialidade característica: “A dor de O ver, ou não ver roubado era dor de ausência: *Et hic dolor maior erat*. Notai: Tão morto estava Cristo roubado, como defunto; mas defunto estava menos ausente do que roubado; porque a morte foi meia ausência, levou-Lhe a Alma, e deixou-Lhe o Corpo; o roubo era ausência total; levou-Lhe o Corpo depois de estar levada a Alma. E como o roubo era a maior ausência do amado, por isso foi maior a dor do amante”.¹⁰

Tal era o seu ímpeto por encontrar o Corpo que, mesmo sendo interrogada pelos Anjos, não se põe o problema de serem espíritos celestiais que lhe falam; a única coisa que deseja saber é onde está o Amado: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde O puseram” (Jo 20, 13). Maria nada teme e está disposta a passar por cima de qualquer dificuldade. E demonstra isso quando, sem reconhecer o Mestre n’Aquele que lhe pergunta “Mulher, por que choras? Quem procuras?”, responde: “Senhor, se tu O tiraste, dize-me onde O puseste e eu O irei buscar” (Jo 20, 15).

Entretanto, quando Ele a chama pelo nome – “Maria!” (Jo 20, 16) –, assaltam-na à memória uma série de recordações, impressões, graças, encantos. Quantas saudades não teria ela de ouvir este “Maria”?

Tal era a sua intimidade com Nosso Senhor que o primeiro impul-



Curstavo Kralj

“Noli me tangere”, por Fra Angélico -
Mosteiro de São Marcos, Florença (Itália)

so foi jogar-se aos pés d'Ele e abraçá-los. Jesus não precisa mostrar-lhe as mãos e o lado, como fará em seguida com os discípulos, a fim de provar-lhes que não era um fantasma (cf. Lc 24, 37). “Maria nem se põe o problema de que Ele tivesse morrido e ressuscitado: era Ele, o Mestre”.¹¹

Vendo sua fé robusta e não querendo tirar-lhe o mérito,¹² o Redentor não permite que ela O toque, mas a envia como o primeiro arauto da Ressurreição: “Vai a meus irmãos e diz-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus” (Jo 20, 17).

“Levanta-te, amada minha, e vem!”

Depois da Ressurreição, os Evangelistas não mais mencionam Maria Madalena. Contudo, “uma abundante tradição a leva ao deserto e até a faz chegar com a diáspora judia às praias de Marselha”.¹³ Segundo se narra, por ocasião das perseguições que sobrevieram nos anos após a Ascensão do Senhor, Maria Madalena, juntamente com seus irmãos Marta e Lázaro, foram postos em um barco e deixados à deriva em

alto-mar, para que naufragassem e as águas os sepultassem. Deus, porém, dispôs que eles aportassem na França.¹⁴

Estando em Marselha, Santa Maria Madalena pregou ardentemente o nome de Jesus. Após converter muitos para a Religião Cristã, nada mais havia que lhe atraísse neste mundo. Longe de seu Amado, qualquer rincão da terra era para ela o exílio. Como sanar essas saudades e

encurtar a grande distância que a separava do Céu?

Foi no deserto que Maria encontrou o caminho. Tendo para lá se dirigido, estabeleceu moradia em um local preparado pelos próprios Anjos! E ali permaneceu incógnita por trinta anos.¹⁵

Ao cabo desse longo período de convívio celestial e penitência pelos pecados da vida passada, nada mais restava à Madalena senão realizar seu antigo desejo: lançar-se mais uma vez aos pés de Jesus, abraçá-los e osculá-los com todo o amor. Por ocasião da Ressurreição, Nosso Senhor a impedira, alegando que não havia ainda subido ao Pai

(cf. Jo 20, 17). Agora, porém, o problema era outro: Jesus já estava junto do Pai; era preciso que ela fosse a seu encontro.

Conta-se que os espíritos angélicos a levaram até o Bispo São Maximino, que lhe deu a Sagrada Comunhão. Em seguida, tendo se deitado diante do altar, Maria Madalena entregou sua alma a Deus e então pôde estar junto a seu Amado para sempre.¹⁶ ✧



Cenas da vida de Santa Maria Madalena - Catedral Notre-Dame de Coutances (França)

Francisco Lecaros

¹ SANTO AGOSTINHO. *De Civitate Dei*. L.XIV, c.28.

² Cf. BEATA ANA CATARINA EMMERICH. *Maria Madalena*. 2.ed. São Paulo: MIR, 2015.

³ Idem, p.17.

⁴ LUCA DE TENA Y DE BRUNET, María Luisa. Santa María Magdalena. In: ECHEVERRÍA, Lamberto de; LLORCA, SJ, Bernardino;

REPETTO BETES, José Luis (Org.). *Año Cristiano*. Madrid: BAC, 2005, v.VII, p.589.

⁵ BEATA ANA CATARINA EMMERICH, op. cit., p.31-32.

⁶ Idem, p.32.

⁷ Cf. Idem, p.37.

⁸ Idem, p.60.

⁹ Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, v.I, p.270.

no-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, v.I, p.270.

¹⁰ VIEIRA, Antônio. *Obra Completa. Parenética*. Tomo II. São Paulo: Loyola, 2015, v.IV, p.313.

¹¹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Homília na Memória de Santa Maria Madalena*. Mairiporã, 22 jul. 2005.

¹² Cf. CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *O inédito sobre os*

Evangelhos. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, v.VII, p.365.

¹³ LUCA DE TENA Y DE BRUNET, op. cit., p.597.

¹⁴ Cf. DE VARAZZE, Jacopo. *Legenda áurea: vidas de Santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.545.

¹⁵ Cf. Idem, p.549.

¹⁶ Cf. Idem, p.550-551.

Conselhos dos maiores gigantes da terra

As sequoias, as mais “anciãs” entre as árvores da terra, hoje nos transmitirão preciosos ensinamentos que, se bem observados, serão de grande proveito para a nossa vida espiritual.



Ir. Mariana de Oliveira, EP

Canta o salmista que “os céus proclamam a glória do Senhor, e o firmamento, a obra de suas mãos” (Sl 18, 2). Quer isso dizer que, através de seus encantos, a ordem da criação reflete altíssimas verdades e contém valiosos ensinamentos. Trata-se de autênticas “mensagens” que o Divino Artífice, desejoso de entrar em contato conosco, deixou em cada criatura, seja a aurora ou o pôr do sol, o canto dos pássaros ou as ondas do mar... Assim, Deus fez dos elementos que compõem a sinfonia da natureza um meio para nos conduzir até Ele.

Com essas considerações em mente, fixemos nossa atenção no reino vegetal. Desta vez, quem nos ensinará preciosas lições serão as maiores e mais “anciãs” árvores da terra: as sequoias.

Gigantes da natureza!

Nativas da Califórnia, Estados Unidos, as sequoias pertencem à ordem das coníferas. Na atualidade existem apenas duas espécies: a *Sequoia sempervirens*, que pode ultrapassar os cem metros de altura e viver cerca de mil anos, e a *Sequoiadendron*

giganteum, conhecida como sequoia-gigante, cuja longevidade se estende por até três milênios e da qual recentemente se encontrou um exemplar com a impressionante estatura de cento e cinco metros.¹

Além da vertiginosa dimensão vertical, o poderoso tronco de uma sequoia pode chegar a medir doze metros de diâmetro. No Sequoia National Park, nos Estados Unidos, há um exemplar tão grosso que, para contorná-lo, são necessários vinte homens de braços abertos... Trata-se de um dos maiores e mais longevos vegetais de todo o planeta!

A maturidade destas árvores exige centenas ou até milhares de anos para ser alcançada; entretanto – salvo intervenção humana para extração de madeira –, elas não correm perigo de serem-se detidas nesse processo, pois suas folhas não são alimento nem remédio, e sua casca, com cerca de trinta centímetros de espessura, demonstra especial resistência ao fogo, aos fungos e aos insetos.²

Um só fator pode ser letal para a sequoia: estar separada de suas “irmãs”! Curiosamente, o lugar onde Deus a plantou é demasiadamente pedregoso

e não permite que finque raízes muito profundas... Por esse motivo, as gigantes do reino vegetal não encontram sua força de sustentação nas profundidades da terra, como as outras árvores, mas sim no “apoio colateral”: elas crescem sempre próximas umas das outras e entrelaçam suas raízes, formando uma espécie de rede sob o solo raso. Assim, unidas, vinculadas e até interpenetradas, elas estão prontas para enfrentar qualquer intempérie.

Outro aspecto interessante desta árvore é que, quando atinge a “velhice”, o melhor meio de prolongar sua vida chama-se fogo. Os incêndios florestais, comuns em sua região nativa, abrem-lhe imensas fendas. Contudo, a cura dessas chagas leva muito tempo e lhe exige que redobre suas energias... Vendo-se ferida, ela sente a necessidade de “lutar” ainda mais, o que lhe confere vitalidade para outras centenas de anos, ao fim dos quais se encontra rejuvenescida e robustecida. Para a sequoia, a chegada de um incêndio significa, portanto, mais duzentos ou trezentos anos de existência!

Sem dúvida, se uma dessas gigantes, durante os árduos anos de esforços por sua recuperação, pudesse nos falar, ela diria: “Estou ferida, mas lutando! E, justamente por isso, estou vivendo!”

Duas valiosas lições de vida

Hoje as monumentais sequoias nos ensinam preciosas lições para sermos espiritualmente mais robustos e duradouros do que elas.

A primeira consiste em nos penetrarmos de que nunca atingi-

remos a plenitude de nossa vocação cristã sozinhos! Podemos até dar alguns passos sem o auxílio de nossos irmãos na Fé... Entretanto, seremos nós capazes de, isolados, caminhar com perseverança e exatidão rumo à perfeição quando se fizer noite e nos assaltarem as provações? Conseguiremos nos manter em pé ante os vendavais das tentações e das ilusões do mundo?

Sabemos, por experiência, que todo individualista está fadado à esterilidade sobrenatural... O próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus feito Homem, quis precisar de uma Mãe que O amparasse até o momento supremo do *consummatum est* e, sendo onipotente, não fundou sua Igreja sozinho, mas elegeu doze Apóstolos. Quanto mais nós, pobres mortais, necessitamos uns dos outros para alcançar a santidade!

Temos de ser ajudados nesse caminho e, quando robustecidos, fortalecer também os outros. Acaso não foi esse o conselho dado por Jesus a São Pedro: “Tu, por tua vez, confirma os teus irmãos” (Lc 22, 32)?

A segunda lição que nos transmitem as sequoias é de que o sofrimento pode nos renovar e purificar. À semelhança dos incêndios da Califórnia, cedo ou tarde a dor se apresenta em nossas vidas; não há como escapar. “*Militia est vitam hominis super terram*” (Jó 7, 1), afirmava Jó. Contudo, se o fogo das tribulações abre fendas, ele também nos obriga a lutar e, como consequência, faz-nos mais fortes, mais puros e mais santos, desde

que saibamos transcender as dificuldades com os olhos da fé.

Ao constatarmos as chagas deixadas pelas provações, não percamos tempo com lamúrias inconsistentes. Batalhemos com confiança em Deus! Dessa maneira, elas nos valerão não apenas duzentos anos de vida, mas as eternas alegrias da visão beatífica.

Sempre unidos, lutemos com entusiasmo!

Diante das adversidades armemo-nos, pois, de uma nova disposição de alma! Auxiliemo-nos mutuamente nos combates que se nos apresentam, fortaleçamo-nos na fé, amemo-nos uns aos outros. Então as investidas do inimigo infernal jamais serão capazes de arrancar nossas raízes do coração da Santa Igreja.

Enfrentemos com alegria e fortaleza as dificuldades da vida, lembrando-nos sempre de que é por amor que nosso Pai Celeste nos envia tormentas, para nos tornar guerreiros de Cristo e merecedores do prêmio eterno. Os flagelos que Deus nos manda não são para nossa perdição; antes servem para nossa emenda (cf. Jt 8, 27).

Assim fortalecidos e animados, amparados pelo auxílio da Santíssima Virgem, atingiremos gloriosamente a nossa plena estatura moral! ✧

¹ Cf. DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO. São Paulo: Abril, 2006, v.XXI, p.2387.

² Cf. NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. 6.ed. São Paulo: Balsa Planeta Internacional, 2002, v.XIII, p.218.

Amparo dos fracos e esperança dos doentes

Dona Lucilia tem auxiliado inúmeras almas, enchendo-as de esperança nas enfermidades e tragédias, e dando-lhes forças para enfrentar difíceis e dolorosas situações.



Elizabete Fátima Talarico Astorino

Algumas coisas, a ciência explica; para outras, só Deus tem a resposta”. Com estas palavras, Da. Patrícia de Fátima Espírito Santo Leite e Silva, de Laje do Muriaé (RJ), encerra a narração de como seu filho venceu sem derramar uma só lágrima sessenta e sete internações e setecentos e cinquenta dias de tratamento hospitalar, nos quais foi submetido a cento e dez sessões de quimioterapia e oitenta exames de sangue.

Não só sem verter lágrimas, mas com alegria e serenidade. Maravilhada, Da. Patrícia tira sua própria conclusão: “A única explicação é que Nossa Senhora e Da. Lucilia o protegeram, como uma boa mãe protege seu filho”.

Diagnóstico de uma incurável doença

Em gratidão pelo constante auxílio recebido durante todo o tempo de provação da família, essa mãe nos envia um relato de suas dores, preces e alegrias, na expectativa de que muitas outras pessoas aflitas possam se beneficiar do maternal amparo de Da. Lucilia.

Escreve ela: “Em março de 2013, quando tinha apenas dois anos e oito meses, Pedro Artur foi diagnosticado com neurofibromatose, enfermidade incurável para a qual nem sequer havia tratamento específico, e um tumor no nervo óptico. Diante desse quadro, os médicos informaram que nada podiam fazer pela cura do menino. Portanto, apenas monitorariam a doença para acompanhar sua evolução”.

Na esperança de encontrar alhures uma solução, Da. Patrícia e seu

esposo levaram o filho a vários outros clínicos, mas obtiveram sempre a mesma resposta: “Não há o que fazer”. Assim, uma vez constatada a impotência dos recursos humanos, decidiram apelar para os meios sobrenaturais.

“Nunca desistimos... Já em março de 2013, logo após o primeiro diagnóstico, recorremos ao auxílio de Da. Lucilia. Em 22 de abril, dia do

Constatada a impotência dos recursos humanos, a família recorreu com confiança ao auxílio de Dona Lucilia

Pedro Artur com um quadro de Da. Lucilia



aniversário natalício dela, meu esposo o levou ao lugar onde repousam seus restos mortais, no Cemitério da Consolação, em São Paulo. Ali rezou, pedindo a graça de uma cura miraculosa”.

Fé novamente contrariada pelo parecer dos médicos

“Em 2014” – prossegue o relato – “Pedro Artur foi admitido no Instituto Nacional do Câncer (INCA), no Rio de Janeiro, onde foi monitorado durante quatro anos, sem receber nenhum tratamento. Uma ressonância magnética feita no final de 2017 revelou que o tumor do olho havia crescido e surgira um outro no cérebro, numa área profunda e nobre”.

À vista de tal agravamento, Da. Patrícia levou o filho para ser avaliado por um médico especialista, o qual, após examinar todos os laudos e exames, limitou-se a dizer o seguinte:

— Senhora, indico que Pedro Artur continue sendo monitorado no INCA. Nada posso fazer por ele.

— O senhor não pode ao menos indicar algum tratamento?

— Infelizmente, não. A quimioterapia vai judiar dele e não vai resolver. A radioterapia pode deixá-lo cego das duas vistas. E uma cirurgia é muito arriscada: pode acarretar a perda da visão, e o tumor pode voltar mais agressivo.

Mais uma vez, a fé desses esposos católicos era contrariada pelo protocolo médico, mas eles não desistiram; sobretudo, nunca perderam a confiança no auxílio de Da. Lucília. Continuaram rezando.

“Em março de 2018, Pedro Artur deu início ao tratamento quimioterápico no Hospital São José do Avaiá, em Itaperuna (RJ). Atualmente, ele venceu não uma sessão de quimioterapia, mas cento e dez! Desde março de 2013 temos recorrido ao auxílio de Da. Lucília, a fim de obter de Deus a cura miraculosa do nosso pequeno



Pedro Artur na cama do hospital

*“O impossível aconteceu:
Pedro Artur está bem, o tumor do cérebro desapareceu, e o do olho diminuiu significativamente”*

grande guerreiro! Quantas graças já alcançadas! Fé é crer no que não vemos; e o prêmio é ver o que cremos! E hoje, o que era impossível aconteceu: Pedro Artur está bem, o tumor do cérebro desapareceu, e o do olho diminuiu significativamente”.

Confiança, alegria e serenidade na tragédia

Impressionada pela constante proteção desta generosa senhora, Da. Patrícia deixa transparecer sua gratidão não só pela cura, mas sobretudo pela graça de o filho ter sido capaz de superar tudo com serenidade: “Foi esbanjando alegria e confiança que Pedro Artur era internado todas as semanas para vencer as sessões de quimioterapia. Ele passava os dias antecedentes organizando-se para a internação; fazia isso com tanta alegria e prazer que nem parecia que iria para um hospital. Durante o longo período de tra-

tamento, nunca demonstrou sofrimento, mostrava-se sempre com um belo sorriso no rosto”.

E conclui essa mãe exemplar: “Muitos perguntam se Deus não estaria sendo injusto conosco, permitindo tamanha provação para uma criança. Não! Deus não é injusto; se fosse, não seria Deus! Ele é a Misericórdia, e o seu amor por nós é infinito. A nós compete manter-nos perseverantes e confiantes, sem nunca perder a fé! Tenho certeza de que este testemunho irá tocar corações e transformar almas! Da. Lucília, ajudai-nos!”

“Dirigi minhas singelas e sinceras súplicas a ela, Da. Lucília”

Da. Daniela Martucci – residente em Sant’Andrea del Garigliano, Itália – tomou conhecimento dos inúmeros benefícios alcançados por intermédio de Da. Lucília, relatados na revista *Arautos do Evangelho*. Fez também pesquisas na internet, “para saber um pouco mais sobre a vida desta amável senhora”. Começou então a invocá-la, certa de que suas preces seriam ouvidas. E dá seu depoimento:

“Não encontrei um artigo sequer que não exprimisse palavras doces e delicadas sobre a vida e o comportamento de Dona Lucília, a ponto de incentivar-me a invocá-la nos momentos mais difíceis de minha vida!

“No ano passado, faleceu meu amado pai, homem esplêndido, adorável, pilar de minha existência. Antes de sua partida, eu imaginava quão difícil teria sido minha vida sem ele; de forma que, quando me vinha à mente a ideia de que um dia ele nos deixaria, eu logo procurava pensar em outra coisa, tão doloroso me era imaginar que um dia...”

“Quando desviava para outros assuntos meu pensamento, dirigia minhas singelas e sinceras súplicas a ela, Da. Lucília, a venerável senhora com seu xale lilás, e ela parecia dar-me novo ânimo com seu sorris-

so, a tal ponto que decidi gravar sua foto na tela de meu celular, de modo a poder vê-la a qualquer momento”.

“Vejo-a envolta em seu xale, sorrindo e me encorajando”

Assim, com seu característico jeitinho, Da. Lucilia soube preparar sua mais recente devota para a aceitação dos sofrimentos que Deus lhe pediria:

“Infelizmente esse dia chegou. O papai se foi, deixando em mim, minha mãe, meus irmãos e meus filhos um vazio impreenchível; e quando tentei egoisticamente desviar meu pensamento para poder sofrer menos, visualizei o rosto de Da. Lucilia... Ela me infundiu coragem e confiança. E se hoje decidi escrever-lhes é porque parece-me importante poder crer que o Senhor nos concede a graça de conhecer nesta terra pessoas que de algum modo podem nos infundir coragem em momentos de profunda dor e dificuldade”.

Da. Daniela logo se habituou a recorrer sempre ao eficaz amparo de Da. Lucilia: “Penso sempre nela como uma medianeira. Sem dúvida, sua vida imaculada lhe terá assegurado no Céu um posto especial, no qual pode dialogar com Nossa Senhora e apresentar-Lhe nossas súplicas. Agora ela faz parte da minha vida e posso testemunhar que ela me ouviu quando a invoco. Penso no papai, que já não vive, e logo a vejo envolta em seu xale, sorrindo e me encorajando”.

“Pedi a Da. Lucilia um sinal”

“Um dia no qual pensava intensamente em meu filho Ângelo, que passava por um momento de debilidade psicológica, volvi os olhos para o Céu e pedi a Da. Lucilia um sinal que me fizesse saber se ela estava me



Da. Daniela Martucci ao lado de seu esposo

“Estamos saindo de um pesadelo graças à proteção de Dona Lucilia! Confio na sua intercessão e no calor do seu xale de cor lilás!”

ouvindo e compreendendo as minhas preocupações a respeito dele. Nesse preciso momento vi uma estrela cadente fender o azul da noite com seu sulco luminoso, e pensei: ‘Foi ela que me ouviu e me deu o sinal pedido’.

“Na tarde seguinte ao ocorrido, meu filho disse-me ao regressar do trabalho: ‘Mãe, aconteceu-me uma coisa belíssima. Enquanto eu estava no carro, uma estrela cadente rompeu o céu com seu sulco e me parecia quase poder tocá-la! Foi uma sensação maravilhosa!’ Após muitos dias de tristeza, pude ver no rosto de meu filho um luminoso sorriso...”

“Estamos saindo de um pesadelo, graças à proteção dela!”

Certa de que Da. Lucilia está disposta a atendê-la em todos os momen-

tos, Da. Daniela não recouseu em implorar seu auxílio também para que seu filho não fosse atingido pela pandemia:

“Há poucos dias o meu filho, que esteve em contato com um colega infectado pelo vírus da COVID-19, começou a sentir dores nos ossos, acompanhadas de febre e deficiência olfativa. Pedi muito a Da. Lucilia que ela transmitisse minhas preocupações a Nossa Senhora... Ângelo fez o

teste e, para surpresa de todos, o resultado foi negativo!”

Tendo, porém, seu esposo contraído a doença, Da. Daniela novamente não hesitou em invocar sua intercessora.

“Por mais de dez dias, ele passou muito mal, com febre altíssima e baixa saturação de oxigênio; estávamos já a ponto de decidir pela internação... Meu apelo a Da. Lucilia não ficou desatendido. Meu marido começou a melhorar, e o terceiro teste deu resultado negativo. Durante todo esse tempo, tive de dar-lhe assistência, inclusive aplicando injeções.

“Meu contágio era, pois, inevitável. Recorri a ela, pedindo-lhe coragem para enfrentar a difícil situação. Não adoeci, e pude cuidar bem de meu esposo. Estamos saindo de um pesadelo graças à proteção dela, disto tenho certeza! Confio na sua intercessão e no calor do seu xale de cor lilás!”

* * *

Assim, essa bondosa senhora não cessa de conquistar novos devotos que, sentindo-se protegidos sob o seu xale acolhedor, não duvidam de seu maternal socorro. Sim, ela tem amparado inúmeras almas, enchendo-as de esperança e dando-lhes forças para enfrentar difíceis e dolorosas situações. ✧

Reflexos da devoção a Nossa Senhora



Reprodução

A piedade de Da. Lucília, da qual ela quase não falava, era pouco borbulhante, mas podia ser notada em tudo. Assemelhava-se muito a seu modo de ser comunicativo, afável, mas muito discreto. Tal qual seu tom de voz, doce, suave, semelhante aos vários registros de um órgão que tocasse baixinho e harmoniosamente numa pequena capela, sua devoção ardente permanecia sempre envolta num véu de discrição.

Assim era seu devotamento à Mãe de Deus, do qual quase se poderia dizer ter começado no momento em que as águas purificadoras do Batismo foram derramadas sobre sua fronte.

Uma das práticas que mais a fez crescer nesta devoção foi evidentemente a recitação do Santo Rosário, à qual se acostumara desde sua remota mocidade. Durante muito tempo usou um belo terço de cristal, até o dia em que Dr. Plínio lhe trouxe outro, de Aparecida. Ela certamente não esqueceu mais as palavras de seu filho ao lhe entregar aquele modesto, mas quão significativo presente:

— Meu bem, a senhora veja, é um tercinho de pouco valor. Apenas para se lembrar de que, estando em Aparecida, rezei pela senhora.

Embora muito simples, Da. Lucília passou a usá-lo, pois prendia-se a uma recordação: “Meu filho, estando em Aparecida, junto a Nossa Se-



Mário Shimoda

Imagem de Nossa Senhora das Graças que Da. Lucília conservava em seu quarto

nhora, lembrou-se de mim com especial afeto”.

Uma invocação tocava mais especialmente a alma maternal de Da. Lucília, sempre pronta a atender às necessidades de seus filhos, antes mesmo que eles pedissem: a de Nossa Senhora das Graças.

Na pequena imagem francesa que tinha em seu quarto, a Santíssima Virgem é representada com os braços abertos, como a compadecer-Se das fraquezas humanas e desejosa de distribuir os tesouros de suas graças àqueles que se colocam sob o seu manto protetor.

O homem tem seu espírito modelado pelo objeto de sua admiração. Nossas almas são como espelhos. Se cultuamos Nossa Senhora, um pouco da excelsitude d’Ela se reflete em nós. Sem dúvida algo disso ocorreu com Da. Lucília.

Episódios do dia a dia, nos últimos anos de sua vida, deixavam transparecer de modo especial essa elevação de alma que perfumava todos os seus gestos. ✧

CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio.
Dona Lucília.

Città del Vaticano-São Paulo:
LEV; Lumen Sapientiae,
2013, p.555-556



13 DE MAIO

Roberto Salas

El Salvador

Cento e quatro anos de Fátima

Não é novidade que a devoção à Virgem de Fátima encontra-se entre as mais difundidas pelos Arautos do Evangelho. Assim, o dia 13 de maio não poderia passar sem uma festividade especial nos países onde eles atuam, sobretudo visando com isso realizar um ato de reparação. Com efeito, se o mundo atravessa crises de toda ordem, é porque rejeitou as palavras de Nossa Senhora e desprezou os seus conselhos.

O que Maria Santíssima dirá a seus filhos?

Em 1917, Ela alertou de que viriam guerras e revoluções; porém, os homens fizeram pouco caso dos meios indicados para evitar essas convulsões, como a recitação do Rosário e a Comunhão reparadora dos cinco primeiros sábados do mês...

Além de fazer essas advertências, a Santíssima Virgem prometeu que voltaria. Portanto, Nossa Senhora visitará outra vez a humanidade! Quando isso acontecer, como Ela nos encontrará? Seremos daqueles filhos que rejeitaram as palavras de sua Mãe? Queira Deus que Ela nos encontre com “as lâmpadas acesas” (cf. Mt 25, 1-13), como filhos amorosos e vigilantes!

Contudo, devemos nos preocupar não só com nossas atitudes particulares, mas também com os atos de todos os homens.

Muitos deles, em vez de esperarem com entusiasmo o retorno d'Aquela que é capaz de livrá-los dos perigos,

levam uma vida descontrolada e imoral. Esses são filhos ingratos e indignos, que rejeitam o amor materno e os conselhos de Nossa Senhora. Que palavras Ela dirigirá a tais filhos?

Façamos de tudo, portanto, para pertencermos à outra categoria de filhos: aqueles que verdadeiramente merecem esse nome, pois aguardam pressurosos o retorno da Mãe e a implantação de seu Reino.

Autoridades eclesásticas

Na Espanha, foram celebradas Missas em honra a Nossa Senhora de Fátima na Catedral da Almudena em Madrid, presidida pelo Cardeal Carlos Osoro Sierra, e na Basílica do Sagrado Coração de Jesus de Gijón, Astúrias, presidida pelo Arcebispo de Oviedo, Dom Jesús Sanz Montes, OFM. Já na Itália, a cerimônia ocorreu na Paróquia Santo Antônio e Santo Aníbal de França, onde Dom Dario Gervasi, Bispo Auxiliar de Roma, coroou em nome de todos a Imagem Peregrina.

Passando para a América, Dom Victor Emilio Masalle Pere, Bispo de Baní, na República Dominicana, presidiu a Celebração Eucarística realizada na Catedral de Santo Domingo. No Paraguai, a cerimônia realizada na Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho, em Ypacaraí, foi presidida por Dom Ricardo Jorge Valenzuela Ríos, Bispo de Caacupé.

Nesta página e na seguinte, podem ser vistas fotografias de algumas das cerimônias. ✧



Eric Salas

Gijón (Espanha)



Eric Salas

Madrid



México

Juan Carlos Villagómez



Cesar Galarza

República Dominicana



Patrick

Itália



Ricardo José Caili

Paraguai



Roberto Salas

El Salvador



Gabriel Monge

Brasília



Pablo Diaz

Uruguai



Elisavete Corpeito

Equador



Matheus Sette

Campos dos Goytacazes (Brasil)



Arthur Benedetti

Ponta Grossa (Brasil)



Fotos: César Galarza



República Dominicana – As missões marianas não cessam nesse país (foto 1). Na Paróquia Bom Pastor, um grupo de alunos do Colégio Follow Me recebeu sua Primeira Comunhão das mãos do mesmo sacerdote arauto que acompanhou a preparação das crianças (foto 2). E, na Paróquia Santa Maria da Evangelização, trinta e sete jovens que fizeram sua catequese na casa dos Arautos do Evangelho receberam o Sacramento da Confirmação de Dom Faustino Burgos Brisman, CM, Bispo Auxiliar de Santo Domingo (foto 3), durante uma Missa por ele presidida no dia 22 de maio.



Fotos: Edlito Agostinho Mapanga

Moçambique – Em maio, o Bispo Auxiliar de Maputo e Administrador Apostólico de Pemba, Dom António Juliase Ferreira Sandramo, administrou o Sacramento da Confirmação a fiéis de ambos os sexos durante a Santa Missa por ele presidida na casa dos Arautos do Evangelho em Maputo.



Fotos: Marcos Sette

Brasil – Dom Dimas Lara Barbosa, Arcebispo Metropolitano, convidou o coral e conjunto instrumental dos Arautos do Evangelho para solenizar com cânticos litúrgicos e peças variadas a abertura do Congresso Católico de Educação, realizado em maio na cidade.



Fotos: Francisco Estuardo Ruiz Cruz

Guatemala – Conduzida pelo setor feminino dos Arautos do Evangelho, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria visitou no dia 13 de maio a Prefeitura da Cidade da Guatemala, sendo recepcionada em formação pelos membros da Polícia Municipal (foto 3). O prefeito, Sr. Ricardo Quiñónez Lemus, coroou a imagem junto com sua esposa (foto 1) e, em seguida, depositou nas mãos de Nossa Senhora o distintivo da municipalidade por ele usado. A imagem ainda percorreu os escritórios dos sete andares do edifício, entre eles o do setor de transportes, onde foi afetuosamente recebida pelo gerente da EMETRA, Sr. Jorge Palacios (foto 2).



Fotos: José Ribeiro

Brasil – No dia 14 de maio, o Oratório Nossa Senhora de Fátima, situado na casa dos Arautos do Evangelho de Nova Friburgo, inaugurou seu campanário (foto 1). O evento foi presidido por Dom Luiz Antônio Lopes Ricci, Bispo Diocesano, o qual abençoou os sinos e celebrou a Santa Missa de ação de graças (fotos 2 e 3).



Fotos: Arthur Benedetti

Brasil – Os Arautos foram convidados para animar a Páscoa dos Militares, realizada no dia 26 de maio, na Catedral de Sant’Ana. Dom Sérgio Arthur Braschi, Bispo Diocesano (foto 1), presidiu a Celebração Eucarística. E, na Semana da Enfermagem, missionários arautos visitaram o Hospital Universitário Materno Infantil (foto 2).



Polícia chinesa detém clérigos de Xinxiang

Em apenas dois dias, quase todos os clérigos da Prefeitura Apostólica de Xinxiang, na China, foram presos pela polícia local.

Na tarde do dia 20 de maio, aproximadamente cem policiais cercaram a fábrica em cujas instalações funcionava o seminário diocesano e detiveram sete padres e dez seminaristas, os quais tiveram seus pertences confiscados. As autoridades chinesas fecharam a fábrica e também prenderam seu diretor. Os dez candidatos ao sacerdócio foram enviados às suas casas e proibidos de estudar Teologia.

No dia seguinte, encarceraram Dom Joseph Zhang Weizhu, Bispo de Xinxiang, de sessenta e três anos de idade. O prelado, ordenado em 1991, já esteve preso em outras ocasiões.

Segundo as autoridades, os agentes de segurança cumpriam o regulamento sobre atividades religiosas decretado pelo Presidente Xi Jinping em novembro de 2020. A Prefeitura Apostólica de Xinxiang, com cerca de cem mil fiéis, não é reconhecida pelo governo comunista chinês, que considera suas atividades “criminosas” e “ilegais”.

Como assinala a agência de notícias *Asia News*, “segundo muitos observadores, desde a assinatura do acordo provisório entre a China e a Santa Sé houve um aumento na perseguição contra os católicos, sobretudo os não oficiais”.

Igreja canadense é elevada a basílica menor

O Canadá ganhou mais uma basílica menor. O título foi concedido em fevereiro à Igreja de São Finano, em Alexandria, Ontário, inaugurada em 1833. De acordo com o pároco, Pe. Jonathan Blake, isso significa um “reconhecimento da beleza e história do templo, e do importante papel que ele teve em Alexandria e nesta parte da província”.

O decreto de elevação da igreja a basílica menor foi lido oficialmente aos fiéis durante a Santa Missa celebrada no dia 11 de abril. Trata-se da terceira basílica menor da Arquidiocese de Ottawa-Cornwall, e a vigésima sexta do país.



Retoma-se a Adoração Eucarística na Diocese de Valência

Após um longo período em que estiveram fechadas, devido às restrições motivadas pela COVID-19, as oito capelas de Adoração Eucarística da Diocese espanhola de Valência abriram novamente suas portas para os fiéis. Elas estão localizadas em Alzira, Gandia, Valência, Alcoi, Agullent, Catarroja, Requena e Moncada.

Centenas de pessoas participam a cada dia da Adoração Eucarística nessas capelas, observando todas as medidas sanitárias estabelecidas pelas autoridades.

Na do Mosteiro Belém da Imaculada, em Agullent, das Filhas da Sagrada Família, e na do Mosteiro do Santo Sepulcro, em Alcoi, confiado ao Instituto do Verbo Encarnado, a Adoração Perpétua permaneceu aberta durante toda a pandemia. Para isso, as

religiosas cobriram todos os horários de Adoração.



Reprodução

Mais um sacerdote assassinado na Nigéria

Continua a perseguição religiosa na Nigéria. Na noite de 20 de maio, um grupo de homens armados invadiu a Paróquia São Vicente Ferrer, na cidade de Malumfashi, e matou o pároco, Pe. Alphonsus Bello, de trinta anos, sequestrou seu predecessor, Pe. Joe Keke, de setenta anos, e deixou inúmeros feridos.

Segundo informou o diretor de comunicações sociais do Secretariado Católico da Nigéria, Pe. Umoh, o corpo do Pe. Alphonsus Bello foi encontrado na manhã seguinte, em terras agrícolas próximas à escola de catequese. Mas ainda não havia notícias do paradeiro do Pe. Keke.

Novo santuário dedicado a Santa Rita de Cássia

Uma grande construção em honra a Santa Rita de Cássia está sendo levada a cabo no município de Cássia, Minas Gerais, com inauguração prevista para o dia 22 de maio de 2022, data em que a Igreja celebra a memória dessa conhecida Santa.

A obra, localizada na Diocese de Guaxupé, é iniciativa de um devoto. Além da igreja, com capacidade para cinco mil fiéis sentados, ela incluirá uma réplica da casa de Santa Rita de Cássia, velário, área comercial e estacionamento com quase mil vagas.

O santuário em construção será o maior templo, em todo o mundo, dedicado à padroeira das causas impossíveis.

Rosário de ouro, com que Maria Stuart morreu, foi roubado

Em fins de maio foram roubados diversos objetos de valor que pertenciam a Maria Stuart, Rainha da Escócia, e se encontravam expostos no Castelo de Arundel, em West Sussex, Inglaterra. O material havia sido conservado desde o século XVI pela família do Duque de Norfolk, que os recebeu após a morte da monarca. Entre os objetos levados está o rosário de ouro que a rainha trazia consigo durante sua execução, no dia 8 de fevereiro de 1587.

Investigadores suspeitam que os criminosos tenham entrado por uma das janelas do castelo, reaberto para visitantes recentemente. Os bandidos quebraram a vitrine onde os artigos estavam expostos e fugiram antes que os policiais chegassem.

A curadora das Coleções Stonyhurst, Jan Graffius – que, além de documentos e objetos históricos, é responsável por um amplo acervo de relíquias de mártires católicos pertencente ao Stonyhurst College, em Lancashire, norte da Inglaterra –, manifestou-se pesarosa: “Esta é uma perda muito trágica para a História, e especificamente a História católica”. E acrescentou: “O valor real de certos objetos, como o rosário de

Maria Stuart, não pode ser medido em termos financeiros”.



Novos atos de profanação em Nova York

Na manhã do dia 14 de maio descobriu-se mais um ato de profanação em Nova York. Desta vez, trata-se de um crucifixo que ficava no exterior da Igreja de Santo Atanásio, no Brooklyn, que foi lançado ao chão com o rosto do crucificado voltado para o solo.

Como ato de reparação, os fiéis da paróquia realizaram uma vigília de orações no dia seguinte, e erigiram provisoriamente no local uma cruz de madeira, até que o crucifixo original seja restaurado.

Poucos dias depois, uma imagem do Menino Jesus foi decapitada na mesma zona de Nova York. O atentado se deu na área ocupada pelos escritórios administrativos da Diocese do Brooklyn.

As igrejas dessa circunscrição eclesial foram notificadas para estarem em alerta, pois os crimes de ódio e vandalismo contra a Igreja Católica têm acontecido com frequência na região.

Oferenda floral à imagem submersa da Virgem dos Desamparados

No dia 16 de maio realizou-se a tradicional oferenda floral à imagem da Virgem dos Desamparados que, há mais de quarenta anos, encontra-se submersa nas águas que banham o farol de Valência.

Às onze horas da manhã, vários barcos partiram do porto da cidade, com flores para Nossa Senhora. Chegando ao local, quinze mergulhadores levaram os arranjos até a imagem, situada a dez metros de profundidade. Em seguida os participantes retornaram ao Real Clube Náutico de Valência, onde se celebrou a Santa Missa.

A devoção a Nossa Senhora dos Desamparados remonta ao século XV. Em 1977, uma imagem dessa invocação foi esculpida em bronze e submergida nas águas do mar, a quatorze metros de profundidade, a fim de guardar a cidade e os marinheiros. Trinta anos mais tarde, ela foi retirada e restaurada, sendo reposta, em 2009, num local mais acessível.

GAUDIUM PRESS
A primeira agência de notícias católicas do Brasil

• Portuguese • Spanish • English

gaudiumpress.org

• Notícias • Opinião • Vídeos • Imagens

Notícias do Brasil e do mundo

Faça sua assinatura gratuitamente em **gaudiumpress.org**

- 30 dias com o Papa
- Mundo
- Opinião
- Roma
- Espiritualidade

Registre o nosso número +55 11 988051031
ENVIE UMA MENSAGEM E RECEBA NOTÍCIAS

O preço de um milagre

Jesus não o curou, mas deixou semeada em seu coração uma promessa. Sustentado por essa esperança, ele continuou por muitos anos pedindo esmolas junto à porta do Templo, até que um dia...



Therese Hông Ân Nguyen

Em certa pequena aldeia da Palestina, havia uma família que seguia à risca as leis de Moisés e acreditava ardentemente no Senhor Deus de Israel. Um dos seus filhos, porém, de nome Tiago, nascera paralítico. Menino ativo e esperto, sofria muito com sua deficiência, que lhe impedia de

brincar como as outras crianças e o impossibilitaria, quando crescesse, de ajudar os pais nos trabalhos.

Certo dia, estando quieto e pensativo no leito, sua mãe lhe disse: “Meu filho, não sei o que Deus tem preparado para ti no futuro, mas dou-te um conselho de ouro: nunca percas a esperança! Quando o Senhor vê

que um homem está no auge da provação, Ele intervém”.

O menino guardou em seu pequenino coração aquelas afetuosas palavras, que o consolaram profundamente.

Passaram-se muitos anos. Sendo já adulto e tendo morrido seus pais, Tiago não tinha como ganhar seu sustento a não ser sentando-se na rua, junto ao Templo de Jerusalém, confiando na caridade daqueles que passavam.

Um dia, enquanto mendigava, viu uma grande agitação na praça, e lhe gritaram: “Veja! Vai passar agora Jesus, Aquele que faz muitos prodígios!”

Vendo-se envolvido no alvoroço, Tiago rogou a dois homens que o levassem para junto do Nazareno e ambos, sentindo pena, o conduziram depressa até Ele. Diante de Jesus, Tiago suplicou: “Meu Senhor, tende piedade de mim! Sou paralítico desde que nasci e desejo muito ser curado!”

Todos – e sobretudo o pobre doente – fitavam o Mestre na expectativa de um novo milagre. Jesus, porém, respondeu com muita bondade e mansidão: “Filho, quero que fiques curado, mas não agora. Um dia haverá de andar, de acordo com a vontade do meu Pai que está nos Céus. Essa hora, no entanto, ainda não chegou”.

Tiago não se revoltou nem desanimou. Pelo contrário, encheu-se de



“Meu filho, dou-te um conselho de ouro: nunca percas a esperança!”

contentamento por ter ouvido a doce voz do Salvador. Sua resignação à vontade de Deus foi motivo de admiração para os Anjos e alegrou o coração de Nosso Senhor.

Anos após esse encontro, o paralítico continuava dia a dia mendigando no mesmo lugar. Sempre recordava o conselho de sua mãe e, sobretudo, a voz de Jesus. Todavia, os que estavam próximos dele zombavam: “Tu pensavas que o Nazareno te faria um milagre... Verdadeiramente, és um sonhador. Jesus já morreu e tu não foste curado nem jamais o serás! Por que permanecer em tão vã esperança?”

Quando os que dele assim riam o deixavam só, Tiago refletia sobre sua triste situação sem perder a fé: “Mesmo que Jesus não tenha me curado naquela hora, Ele me garantiu que em algum momento poderei andar. É verdade que já morreu, mas tenho certeza de que ainda voltará!”

E, cheio de esperança, concluía suas cogitações com esta bela oração: “Quando e como acontecerá minha cura? Não sei... Mas em todas as circunstâncias, bendita seja a vontade do Senhor! Deus sabe o que me é melhor!”

Interrompendo sua prece, Tiago viu dois varões – um mais velho e o outro jovem – vindo em direção ao Templo, e como não podia deixar de pedir ajuda para garantir o próprio sustento, suplicou-lhes:

— Senhores, por favor, uma esmola!

Aqueles homens, que se chamavam Pedro e João, disseram:

— Olha para nós.

Ele os fitou com atenção, esperando receber alguma coisa. Pedro, porém, disse:

— Não tenho nem ouro nem prata, mas o que tenho, eu te dou: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda! – E, tomando-o pela mão direita, ajudou-o a se erguer.

De um salto, Tiago pôs-se de pé e começou a caminhar. Entrou com

eles no Templo pulando e louvando ao Criador: “Meu Deus, como sois justo e misericordioso! Embora eu não possuísse nenhum mérito para ser curado, Vós colocastes em minha alma a esperança na bondade de Jesus! Vejo bem ser Ele o Messias, o Filho de Deus! Em Pedro e João, Ele veio novamente para me curar! Bendito seja o nome d’Ele e a vontade do Pai que está nos Céus! Aleluia, Aleluia, Aleluia!”

Todo o povo, inclusive aqueles que antes zombavam dele, dizia com admiração: “Realmente, o Nazareno está vivo para sempre!”

Chegando à casa naquele mesmo dia, Tiago encontrou seus antigos companheiros, que tanto haviam lhe aumentado os sofrimentos com escárnios. Estavam desconcertados e olhavam desconfiados para o ex-paralítico. Acercando-se dele, disseram:

— Entre amigos, conta-nos a verdade. Quanto dinheiro deste àqueles homens para que te curassem?

— É... – completou o segundo – Porque ninguém faz uma coisa assim de graça. Certamente, encontrei a fórmula do sucesso para qualquer situação. Qual é ela?

E Tiago respondeu:

— Esse milagre custou tanto que nenhum ouro do mundo poderia pagá-lo. Sim, o preço desta cura foi o amor de Deus e a esperança de minha vida inteira.

A partir daquele dia, Tiago percorreu muitas cidades e povoados, pregando o poder e a misericórdia de Jesus e ensinando que, ainda quando pareça não atender os nossos pedidos, Nosso Senhor nunca decepciona os que n’Ele confiam. Sua ternura e compaixão O levam a sempre querer o melhor para todas as criaturas. ✧



Ilustrações: Elizabeth Bonyun

“Não tenho nem ouro nem prata, mas o que tenho, eu te dou”

OS SANTOS DE CADA DIA

- 1. Santo Aarão.** Sacerdote do Antigo Testamento, da tribo de Levi, irmão de Moisés.
- 2. Santa Monegundes,** eremita (†d. 557). Com o consentimento do esposo, retirou-se numa gruta nas cercanias de Tours, França, para levar vida eremítica.
- 3. São Tomé, Apóstolo.**
Santo Heliodoro, Bispo (†séc. IV-V). Discípulo de São Valeriano, participou do Concílio de Aquileia em 381, contra a heresia ariana.
- 4. XIV Domingo do Tempo Comum.**
Santa Isabel, rainha (†1336 Estremoz - Portugal).
Beata Catarina Jarrige, virgem (†1836). Terciária dominicana, durante a Revolução Francesa ajudou os sacerdotes não-juramentados, fornecendo-lhes pão e vinho para a celebração da Eucaristia.
- 5. Santo Antônio Maria Zaccaria,** presbítero (†1539 Cremona - Itália).
Santo Atanásio de Jerusalém, diácono e mártir (†451/452). Diácono da Igreja da Ressurreição, assassinado pelo monge herege Teodósio, cuja impiedade tinha recriminado durante o Concílio de Calcedônia.
- 6. Santa Maria Goretti,** virgem e mártir (†1902 Nettuno - Itália).
Beata Nazária de Santa Teresa March Mesa, virgem (†1943). Freira de origem espanhola falecida em Buenos Aires. Fundou, na Bolívia, o Instituto das Missionárias Cruzadas da Igreja.
- 7. São Panteno de Alexandria** (†séc. III). Homem de vasta cultura que, por amor à Palavra de Deus, dirigiu-se ao longínquo Oriente para difundir o Evangelho.



Santo Henrique - Igreja Santa Maria dell'Anima, Roma

- 8. Santa Landrada,** abadessa (†690). Filha espiritual de São Lamberto e primeira abadessa do mosteiro beneditino de Bilsen, na Bélgica.
- 9. Santos Agostinho Zhao Rong,** presbítero, e **companheiros,** mártires (†séc. XVII-XX China).
Beato Fidel Chojnacki, mártir (†1942). Religioso capuchinho preso durante a ocupação da Polónia e enviado ao campo de concentração de Dachau.
- 10. Santa Amalberga,** virgem (†séc. VIII). Nascida em Rodinigi, Bélgica, foi educada em Bilsen por Santa Landrada e recebeu de São Wilibrordo o véu das virgens consagradas.
- 11. XV Domingo do Tempo Comum.**
São Bento, abade (†547 Monte Cassino - Itália). Padroeiro da Europa.
São Leôncio, Bispo (†c. 570). Brillou em Bordeaux, França, como construtor e restaurador de edifícios destinados ao culto.
- 12. Santa Inês Lê Thị Thành,** mártir (†1841). Mãe de família morta no Vietnã, durante o reinado do Imperador Thiệu Trị, por ocultar em sua casa um sacerdote.
- 13. Santo Henrique,** imperador (†1024 Grone - Alemanha).
Santo Esdras, sacerdote e escriba que, na volta do exílio de Babilônia, reuniu o povo hebreu disperso e dedicou-se a ensinar e pôr em prática a Lei do Senhor em Israel.
- 14. São Camilo de Lellis,** presbítero (†1614 Roma).
Santa Toscana, viúva (†1343/1344). Após a morte do esposo, dedicou-se aos enfermos no hospital da Ordem de São João de Jerusalém em Verona, Itália.
- 15. São Boaventura,** Bispo e Doutor da Igreja (†1274 Lyon - França).
São David, Bispo (†c. 1082). Religioso cluniacense de origem inglesa, enviado como missionário para evangelizar os suecos.
- 16. Nossa Senhora do Carmo.**
Beatos João Sugar, presbítero, e **Roberto Grissold,** mártires (†1604). Torturados e mortos durante o reinado de Jaime I da Inglaterra, o primeiro por exercer o ministério sacerdotal nesse país, e o segundo por tê-lo ajudado.
- 17. Beatos Inácio de Azevedo,** presbítero, e **trinta e nove companheiros,** mártires (†1570 Ilhas Canárias - Espanha).

São Leão IV, Papa (†855). Defensor da justiça e apologista do primado de Pedro.

18. XVI Domingo do Tempo Comum.

São Bartolomeu dos Mártires, Bispo (†1590). Nascido em Lisboa, ingressou na Ordem Dominicana. Enquanto Bispo de Braga pôs em prática as orientações do Concílio de Trento, no qual participou, e empenhou-se com suma caridade pastoral em acudir às necessidades do seu rebanho.

19. Santa Macrina, virgem (†379). Irmã dos Santos Basílio Magno, Gregório de Nisa e Pedro de Sebaste. Versada nas Sagradas Escrituras, retirou-se para levar uma vida solitária no mosteiro de Annesi, no norte da Turquia.

20. Santo Apolinário, Bispo e mártir (†c. séc. II Ravena - Itália).

São José Barsabás, discípulo de Jesus. Proposto pelos Apóstolos, junto com São Matias, para ocupar o lugar de Judas.

21. São Lourenço de Brindisi, presbítero e Doutor da Igreja (†1619 Lisboa).

Santa Praxedes, virgem (†a. 491). Consta ter sido filha do senador romano Pudente, convertido por São Pedro. Deu nome à Basílica de Santa Praxedes, no Esquilino.

22. Santa Maria Madalena.

Santo Anastásio, monge (†662). Discípulo de São Máximo o Confessor, morreu no Cáucaso, depois de ter suportado o cárcere e a tortura por causa da verdadeira Fé.

23. Santa Brígida, religiosa (†1373 Roma). Padroeira da Europa.



Santa Isabel de Portugal exorcizando um possesso - Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, Salvador (BA)

Santo Ezequiel, profeta. Repreendeu o povo de Israel por suas infidelidades e profetizou a destruição de Jerusalém.

24. São Charbel Makhluf, presbítero (†1898 Anaia - Líbano).

Santa Conegunda, religiosa (†1293). Filha do rei da Hungria, casada com o Príncipe de Cracóvia (Polônia), viveram ambos em perfeita castidade. Após a morte do esposo, fez-se religiosa clarissa no mosteiro por ela fundado.

25. XVII Domingo do Tempo Comum.

São Tiago Maior, Apóstolo.
Santa Olímpia, viúva (†408). Tendo enviuvado ainda muito jovem, dedicou-se ao servi-

ço de Deus em Constantinopla e foi fiel colaboradora de São João Crisóstomo.

26. São Joaquim e Sant'Ana, pais de Maria Santíssima.

Beatos Vicente Pinilla e Manuel Martín Sierra, presbíteros e mártires (†1936). Durante a Guerra Civil espanhola, foram retirados violentamente de uma igreja e fuzilados.

27. São Pantaleão, mártir (†303). Estudou medicina e tornou-se médico pessoal do imperador Maximiano. Converteu-se ao cristianismo e acabou por ser preso e torturado, sendo martirizado por decapitação em Nicomédia (atual Izmit, na Turquia).

28. São Sansão, abade e Bispo (†c. 565). Difundiu o Evangelho e a disciplina monástica na Bretanha, França. Fundou a abadia de Dol.

29. Santa Marta.

São Luís Martin, pai de família (†1894). Pai de Santa Teresinha do Menino Jesus. Levou uma vida matrimonial exemplar com sua esposa, Santa Zélia Guérin Martin.

30. São Pedro Crisólogo, Bispo e Doutor da Igreja (†c. 450 Ímola - Itália).

Santas Máxima, Donatila e Secunda, virgens e mártires (†304). Mortas na atual Tunísia durante a perseguição de Diocleciano, por se recusarem a queimar incenso aos ídolos.

31. Santo Inácio de Loyola, presbítero (†1556 Roma).

Beato João Colombini, religioso (†1307). Rico comerciante de Sena (Itália), abandonou tudo e abraçou uma vida de extrema pobreza. Fundou a Ordem dos "Jesuatos".

O trono do Rei dos reis

O Salvador nasceu pobre e era conhecido como “o filho do carpinteiro”. Como Se rebaixou para nos elevar! Parece ser o único rei que não quis ter um trono para Si... Será isso mesmo?

Lorena Mello da Veiga Lima



Desde tempos remotos, a figura do soberano foi sempre o pináculo da sociedade nas mais variadas civilizações e culturas. Tornava-se cabeça de um povo aquele que se sobressaísse pelas capacidades bélicas, por seu caráter dominador, por dotes naturais ou, então, por uma nobre linhagem. Entre os hebreus, os dois primeiros monarcas, Saul e Davi, foram eleitos diretamente por Deus.

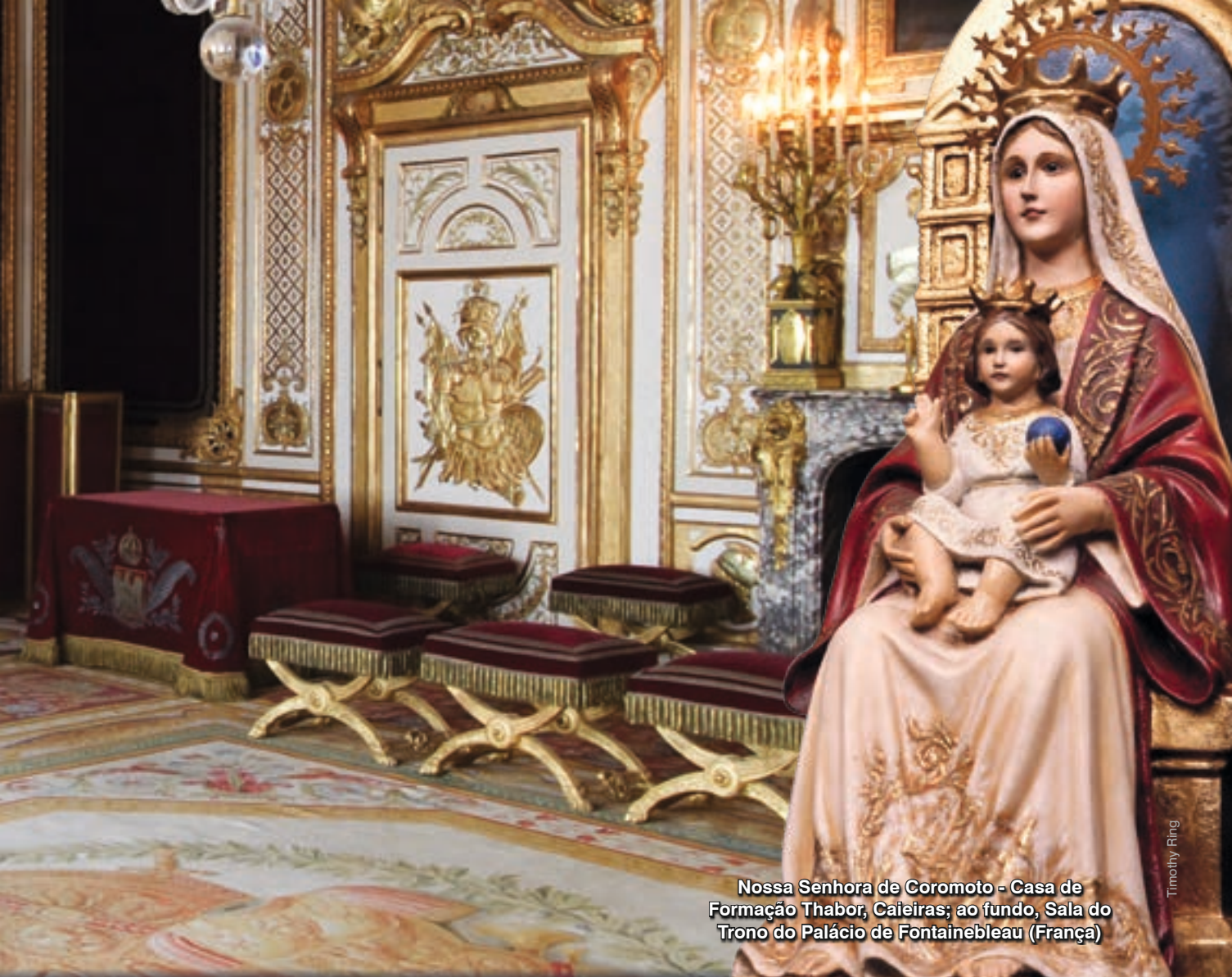
Apesar dos diferentes costumes, nunca faltou a nenhum rei o uso do trono. Quem idealizou esse objeto? Qual foi o primeiro chefe a assentar-se nele? Sua origem perde-se na né-

voa dos milênios... Seja como for, esse vocábulo não indica somente um gênero de cadeira, mas significa também poder, mando, realeza.

Nas Escrituras encontramos muitas passagens que fazem referência a ele, como a seguinte: “Morrerá todo primogênito do Egito, desde o primogênito do faraó, que deveria assentar-se no seu trono” (Ex 11, 5). E na promessa feita pelo Todo-Poderoso ao rei-profeta a respeito de seu filho Salomão, em cuja pessoa se vaticinava o Messias, afirma-se: “Ele Me construirá um templo, e firmarei para sempre seu trono real. [...] Tua casa e teu reino estão estabelecidos para sempre diante de Mim, e

o teu trono está firme para sempre” (II Sm 7, 13.16).

No Novo Testamento, essa figura se reveste de esplendor sobrenatural ao ser empregada pelo Arcanjo Gabriel, quando este anuncia a Maria que o Senhor daria o trono de Davi Àquele a quem Ela conceberia (cf. Lc 1, 32). O próprio Jesus promete um trono para cada um dos Apóstolos, quando Ele mesmo já estivesse sentado em seu sólio triunfal (cf. Mt 19, 28). Por fim, São Paulo incentiva que nos aproximemos “confiadamente do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e achar a graça de um auxílio oportuno” (Hb 4, 16).



Nossa Senhora de Coromoto - Casa de Formação Thabor, Caieiras; ao fundo, Sala do Trono do Palácio de Fontainebleau (França)

Timothy Ring

A doutrina da Igreja ensina que a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, sendo Deus eterno e idêntico ao Pai e ao Espírito Santo, como que deixou sua glória no Céu para fazer-Se mortal e operar a Redenção da humanidade. Não só quis assumir nossa natureza, mas também passar pelos sofrimentos a que estamos submetidos. Ele escolheu para Si o que havia de mais humilhante para depois nos doar, com divina largueza, as maravilhas da graça.

Ora, Ele, o Rei dos reis, nasceu pobre e era conhecido como “o filho do carpinteiro”. Como rebaixou-Se o Salvador para nos elevar! Parece ser o único soberano que não

quis ter um trono para Si... Será isso mesmo?

Na verdade, Jesus enjeitou tudo o que revelasse sua realeza natural – pois era filho de Davi! – e divina, mas não desconsiderou o papel simbólico do trono. Escolheu para Si o mais extraordinário que pudesse haver: não era de ouro ou de marfim, nem cravejado de pedras preciosas; não possuía suaves e apazíveis almofadas, e tampouco era ornado com símbolos heráldicos. Seu sólio real foi Maria Santíssima! Por isso uma inocente canção natalina canta: “Um trono virginal, mais belo e mais sublime do que o Céu, O acolheu”.

Cristo é o Rei que possui o mais excelso trono que houve e haverá na História. E esta mesma honra Ele reserva àqueles que perseverarem na fidelidade, em meio às provas, lutas e perseguições: “Ao vencedor, concederei assentar-se comigo no meu trono” (Ap 3, 21).

Recorramos a Nossa Senhora com confiança inteira e filial, sem temer nossas misérias. Ela nos ama com insondável predileção e carinho, e peden-nos apenas uma coisa: que nos abandonemos, cheios de fé, aos seus cuidados. Exalado o último suspiro, o Deus Encarnado cumprirá a promessa e dividirá conosco o seu trono de glória: o colo amável e suave de Maria. ✧



A marca eliática e a devoção a Maria

De Elías, o tesbita, surgiria a coorte profética do Monte Carmelo, guiada por Eliseu após sua partida para o Céu, que atravessaria os séculos e daria origem à Ordem Carmelitana, dedicada ao louvor da Virgem. Não se pode chegar à perfeita devoção a Maria sem participar do espírito de Elías profeta.

Essa marca eliática distingue os verdadeiros servidores de Nossa Senhora, conferindo-lhes zelo pela glória de Deus, agilidade de águia para a contemplação divina e santa cólera contra os demônios e os filhos das trevas.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP